



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

LEONARDO DE OLIVEIRA MATOS

**PRECONCEITO RACIAL NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS  
HUMANOS: ANALISANDO A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE  
ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II**

Brasília/DF

2015



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

LEONARDO DE OLIVEIRA MATOS

## PRECONCEITO RACIAL NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS: ANALISANDO A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
à Universidade de Brasília (UnB), como  
requisito para obtenção do grau de  
Especialista em Educação em e para os  
Direitos Humanos no contexto da Diversidade  
Cultural

Professora orientadora: Sabrina Steinke

Brasília/DF

2015

Matos, Leonardo de Oliveira.

Preconceito Racial na Perspectiva dos Direitos Humanos: Analisando a Produção de Textos de Alunos do 9º Ano do Ensino Fundamental II / Leonardo de Oliveira Matos. – Brasília, 2015. 69 pg. Trabalho Conclusão do Curso de Especialização em Educação em/para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural – UnB – 2015.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de Brasília, Instituto de Psicologia, 2015.

Orientador/a: Sabrina Steinke

Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia / SECADI/MEC

Curso de Especialização em Educação em e para os Direitos Humanos,  
no contexto da Diversidade Cultural

O Trabalho de Conclusão de Curso de autoria de Leonardo de Oliveira Matos, intitulada PRECONCEITO RACIAL NA PERSPECTIVA DOS DIREITOS HUMANOS: ANALISANDO A PRODUÇÃO DE TEXTOS DE ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II, submetido ao Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, no âmbito da SECADI/MEC, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista em Educação em e para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, foi defendido e aprovado pela banca examinadora abaixo assinada:

---

Doutoranda em História Sabrina Steinke (Presidente)

Universidade de Brasília, UnB

---

Dra. Maria Helenice Barroso

Universidade de Brasília - UnB

Brasília, novembro de 2015

Dedico este trabalho a todos os que colaboraram para que ele fosse desenvolvido, especialmente, a minha maior inspiração para o debate tema do preconceito racial; a minha amiga, incentivadora e grande referência, não apenas nas questões de debate sobre ações afirmativas e temas relacionados à raça negra, a Mestre Edneuzza Alves da Silva. Gratidão!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por me conceder as ferramentas necessárias para o desenvolvimento desta pesquisa; à minha família pelo amor, suporte e apoio em todos os projetos que me proponho; a Edneuza Alves da Silva pelas conversas sempre inspiradoras – em tantos sentidos – que me motivaram a escrever sobre o tema e também por ser um grande porto seguro, de carinho, incentivo e amizade quando o dia a dia se torna mais difícil do que poderia suportar; aos meus alunos e colegas de trabalho que me inspiram a trilhar novos caminhos e possibilidades para fazer a diferença em minha prática docente.

Agradeço também, a todos que colocaram “as pedras que tive no meio do caminho”; pois hoje percebo que meu castelo está mais forte e estruturado com as pedras que agreguei a estrutura do ser humano que estou me tornando. Por fim, aos amigos e colegas que contribuíram, em toda minha vida, para que meu olhar fosse mais humano e consciente da importância de fazer a diferença em meio as injustiças e exclusões que vivemos no dia a dia. Gratidão a todos vocês!

*“O que me assusta não é a violência de poucos, mas a omissão de muitos. Temos aprendido a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a sensível arte de viver como irmãos.”*

*(Martin Luther King)*

## **RESUMO**

Esta pesquisa tem por objetivo fazer uma investigação sobre como os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, de uma escola particular do Distrito Federal, analisam a questão do preconceito racial no Brasil e em seu contexto social, no final de sua formação básica. A pesquisa terá como base o projeto “Varal da Palavra”, que proporcionará um debate acerca do racismo e do preconceito racial que culminará na produção um texto que será objeto de análise posterior. A partir da análise dos textos dos alunos, vamos perceber como esses alunos demonstram seu conhecimento sobre questões que envolvem os Direitos Humanos e se reproduzem ou não abordagens preconceituosas em sua produção escrita, em que será analisado, também, o contexto escolar deste aluno e propostas de intervenção nesta escola.

Palavras-chave: ESCOLA; PRECONCEITO RACIAL; RACISMO.

## **ABSTRACT**

This research aims to make a research on how students in 9th grade of elementary school II, in a private school in the Distrito Federal, analyze the issue of racial prejudice in Brazil and its social context at the end of their studies. The research will build on the Project "Clothesline of the Word", which will provide a debate about racism and racial prejudice that culminate in producing a text that will be examined in detail later. From the analysis from the texts of the students, we will see how these students demonstrate their knowledge of issues involving human rights and reproduce or not prejudiced approaches in their written production, which will be analyzed also the school context of this student and proposals intervention in this school.

Keywords: SCHOOL; RACIAL PREJUDICE; RACISM.

## SUMÁRIO

|                                                                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA .....                                                                                | 10 |
| OBJETIVOS GERAIS .....                                                                                         | 15 |
| CAPÍTULO 1 – Os Direitos Humanos e a Educação .....                                                            | 19 |
| 1.1 O Preconceito, o Preconceito Racial e a Educação .....                                                     | 20 |
| CAPÍTULO 2 – O Livro Didático e a Abordagem Descritiva sobre o Preconceito Racial .....                        | 24 |
| 2.1 – Atividade sobre o Preconceito Racial no livro Português Linguagens (LiDi) ....                           | 26 |
| CAPÍTULO 3 – Projeto Varal da Palavra .....                                                                    | 29 |
| 3.1 – Metodologia da Pesquisa.....                                                                             | 29 |
| CAPÍTULO 4 – Descrição e Análise das Produções de Texto sobre o Preconceito Racial .....                       | 33 |
| 4.1 Análise/ Reflexões sobre os Dados Provenientes das Produções de Texto para o Projeto Varal da Palavra..... | 40 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS .....                                                                                     | 44 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....                                                                               | 49 |
| ANEXO I.....                                                                                                   | 51 |
| ANEXO II .....                                                                                                 | 52 |
| ANEXO III .....                                                                                                | 53 |
| ANEXO IV – Produções de Texto (íntegra) .....                                                                  | 54 |

## INTRODUÇÃO/ JUSTIFICATIVA

Desde quando ainda era aluno da graduação, as disciplinas de pedagogia e as teorias de prática pedagógica, causavam certo desconforto em grande parte dos meus colegas de curso, no caso, Letras. Eu observava que éramos treinados para nos tornarmos “arautos” da língua e alguns se sentiam até mesmo como guardiões, uma espécie de inquisidor dos erros de gramática, coesão, coerência. Porém, para mim, a incoerência maior era nos aprofundarmos tanto nas estruturas linguísticas e não nos prepararmos, de maneira equivalente, ao aprofundamento para o ser-aluno, nosso foco principal. O resultado dessa realidade é que, a maioria dos discentes, deixam a faculdade preparados para o conhecimento de conteúdo, mas pouco competentes para lidar com aluno/a enquanto ser social, indivíduo inserido em uma realidade cultural heterogênea e diversa.

Quando me inscrevi para participar deste curso, não tinha a dimensão exata e nem o alcance que ele proporcionaria, ampliando várias reflexões sobre direitos humanos, que me incomodam em minha prática docente. A universidade ainda é um espaço mais técnico/teórico do que prático/reflexivo na graduação, especialmente nos cursos de licenciatura. Alguns temas e abordagens que envolvem o universo das relações humanas e sociais em que o aluno/a está inserido – independente do segmento que ele esteja cursando – deveriam ser mais aprofundadas e discutidas para que o futuro professor não saísse da academia apenas com competências técnicas específicas, mas também com competências para a prática humanista que contribua para a construção de uma escola voltada para os direitos humanos.

Desde criança, o ambiente escolar me incomoda. Por ter sido vítima de *bullying*<sup>1</sup> - e nunca ter tido apoio da escola como vítima desta prática, quando escolhi a docência como profissão, já pensava em situações e atividades que pudessem provocar a reflexão dos alunos e causar algum tipo positivo de

---

<sup>1</sup> Bullying é uma situação que se caracteriza por agressões intencionais, verbais ou físicas, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas. O termo bullying tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. Mesmo sem uma denominação em português, é entendido como ameaça, tirania, opressão, intimidação, humilhação e maltrato.

mudança nas posturas interpessoais – especialmente com os “excluídos”, mas também em suas casas, na comunidade, na sociedade em geral, já que é nesse lugar onde exercemos de fato a cidadania.

Esta especialização veio orientar minhas reflexões e pensamentos sobre os Direitos Humanos, pois entendi a importância de não analisarmos apenas a eclosão de atos, palavras, agressões, ou seja, o final do processo de construção dos pré-conceitos, como também o início histórico das exclusões e a origem do dito “padrão social” em voga, que são herdados e disseminados como verdadeiros e absolutos, ainda que nossa cultura - tão plural e diversa - não se encaixe perfeitamente em um único modelo religioso, cultural, social, racial ou epistemológico.

A escola é a porta de entrada de um indivíduo na sociedade. Segundo Pulino (2014) apud, Ferreira (1993) e Cunha (2007),

atualmente, utiliza-se o termo “escola” para designar “estabelecimento público ou privado onde se ministra sistematicamente ensino coletivo” (CUNHA, 2007, p. 315; FERREIRA, 1993 p. 554) ou como “Sistema ou doutrina de pessoa notável em qualquer dos ramos do saber; conjunto de adeptos e/ou seguidores de um mestre, ou de uma doutrina ou sistema” (FERREIRA, 1993, p. 554).

A escola, é também, o espaço social e histórico construído para que receba uma criança e ofereça a ela as devidas ferramentas, que possibilitem o desenvolvimento intelectual, moral, cívico, emocional e físico, ao longo dos anos, culminando na formação do cidadão. De maneira geral, essa é a expectativa que temos dessa instituição, mas que nem sempre condiz com a realidade na práxis. Neste espaço, a criança aprenderá na relação social a relação com outro e consigo, e deve ser percebida como um lugar riquíssimo de vivência da diversidade, embora, ainda adote, em uma parcela considerável de estabelecimentos, uma metodologia rígida e tradicional, que não permite que se abra espaço para manifestações e discussões que fujam do senso comum. A diversidade é parte essencial do processo de autodescobrimento, a partir dos confrontamentos de sua realidade com a de outras crianças. Esse processo é rico e primordial para construção da identidade deste cidadão, mas nem sempre a escola está preparada para trabalhar essa diversidade cultural além dos processos sistêmicos.

Desde o nascimento, uma criança recebe diariamente, do meio em que vive, informações que delineiam e constroem sua visão de mundo, a partir dos conceitos morais, filosóficos, éticos e, em alguns casos, religiosos que receberam em sua família.

Quando esta criança é matriculada na escola, seja ela pública ou particular, ainda na primeira infância, esta instituição deve estar preparada para o uso de ações que contextualizem o seu conhecimento já adquirido para as ressignificações que modificarão os seus valores para um contexto social. Porém, desde a Educação Infantil até próximas fases, a escola não é eficaz quando o foco é o indivíduo. Há falta de espaço para a individualidade, logo, há falta também de espaço para a diversidade, já que o objetivo é o ensino coletivo e sistemático, cujo objetivo primordial é a padronização e a formação coletiva.

Como educador, observo que a escola tradicional não conseguiu, ainda, a adequação à realidade cada vez mais individual desses alunos. A internet e o uso das tecnologias não apenas deram voz a eles, como também autonomia. De um lado, os métodos tradicionais de ensino e a hierarquia continuam a reprodução do conteúdo programático, do outro os alunos elegem a importância dessas informações, buscando os conteúdos (nem sempre de fontes confiáveis) sem a mediação do professor/a. Mas afinal, qual é o papel da escola? Ela é eficaz no que se propõe? E o professor/a, qual a sua função em sala de aula? Há de fato uma educação em e para os Direitos Humanos, numa perspectiva de respeito as diversidades?

Segundo Pulino (2014), “novidade e tradição têm que conviver nem sempre pacificamente” e é nesse ponto que se inicia o conflito. Em uma visão Aristotélica<sup>2</sup>, as escolas tradicionais mantêm os esforços para a ampliação das capacidades humanas a partir do desenvolvimento do intelecto, priorizando o conteúdo. Porém, na prática, a sociedade nos cobra uma formação integral,

---

<sup>2</sup> Aristóteles, discípulo de Platão, critica o autoritarismo da proposta do mestre e recusa a sofocracia, pois esta reserva a poucos o governo da cidade, hierarquizando a sociedade. Também desenvolveu uma concepção de educação a partir de suas ideias políticas e, como o mestre, criou uma escola de nível superior, o Liceu. Segundo Aristóteles, a virtude da justiça na cidade deve ser construída a partir da virtude da *philia*, a amizade – concordância entre as pessoas que pensam de forma semelhante, unidas pelo companheirismo. Por merecimento, deve ser feita a justiça distributiva, garantida pela lei. Pulino (2014).

não apenas baseada no conteúdo, mas na inteligência emocional, no conhecimento de mundo e na relação interpessoal. O desenvolvimento apenas cognitivo em detrimento do moral, social e afetivo não é ideal para nossa sociedade atual. O desafio da educação formal na escola é conseguir uma formação coletiva, mas que haja espaço para o indivíduo, para que ele consiga expressar suas crenças, valores, ideias e, no debate, crie-se um ambiente favorável para o desenvolvimento das relações pessoais/ sociais.

Outro equívoco, especialmente na rede particular de ensino, é a visão da educação a partir da ótica neoliberal<sup>3</sup> em que os alunos são tratados como consumidores e a escola como um bem de serviço. Esta perde a função de ser um lugar de encontro com o outro, visando a educação formal e os com finalidade de aprovação no vestibular e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Este é um triste equívoco da escola, especialmente dos estabelecimentos particulares, já que o papel primordial da escola é a formação do cidadão e isso inclui o seu desenvolvimento afetivo, social, moral e cognitivo, a partir de ações pedagógicas que não privilegiem apenas o resultado (nota), mas também a expressão da diversidade artística, filosófica e criativa, no prazer em aprender, de forma contextualizada e universalizada. Como afirma o professor Leontiev (1978) apud Pulino (2014) pg 14, “os conhecimentos humanos estão postos no mundo para que a criança possa assimilá-los, não basta estar no mundo, é preciso entrar em contato com os fenômenos circundantes pela mediação de outros homens”, na escola, função primordial do professor/a.

Sob esta perspectiva, da escola como um lugar de convivência da diversidade e do professor como mediador e agente formador de cidadania/ do cidadão, verifiquei algumas situações em minha comunidade escolar, aqui caracterizada como escola particular, de clientela classe-média e alta, que motivaram uma verificação sobre como os alunos, no final do ciclo de formação do Ensino Fundamental II, percebem e expressam a questão do preconceito no

---

<sup>3</sup> Podemos definir o neoliberalismo como um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta Podemos definir o neoliberalismo como um conjunto de ideias políticas e econômicas capitalistas que defende a não participação do estado na economia. De acordo com esta doutrina, deve haver total liberdade de comércio (livre mercado), pois este princípio garante o crescimento econômico e o desenvolvimento social de um país.

Brasil e a diversidade existente, com atenção direcionada ao preconceito racial. Essa incomodação surgiu tão logo eu fui contratado pela escola: em uma turma de 40 alunos, do 9º ano, apenas 3 são negros e outros 4 se consideram pardos/ morenos. Os demais declaram-se brancos.

Esse levantamento foi realizado de forma oral – não formal – apenas como motivação de uma aula de Língua Portuguesa, que abordava etnias. Logo em seguida, no decorrer do semestre letivo, os módulos deste curso de Especialização em/para os Direitos Humanos só ampliavam o meu questionamento por não perceber, não apenas uma maioria absoluta de alunos brancos, mas de como esses alunos entendiam a questão do preconceito racial, já que não conviviam com tantos colegas negros e também não percebia, nos cartazes e ilustrações, de boa parte dos trabalhos fixado nos murais, referências à cultura negra e a personagens com características negras. Será que esses alunos/as terminariam essa importante fase da formação pessoal, o Ensino Fundamental II, com uma visão crítica sobre a questão do preconceito? Como o material didático apresenta as referências exigidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e pelo Ministério da Educação para abordar os temas como os Direitos Humanos e o Dia da Consciência Negra? Que soluções os alunos proporiam para combater o preconceito em nossa sociedade?

A partir deste direcionamento, elaborei uma proposta que pudesse verificar os questionamentos acima, a partir de uma atividade desenvolvida com o livro didático de Língua Portuguesa, como também, se a escola oferece atividades para combate ao preconceito. Utilizando os resultados, considerar uma proposta de projeto e intervenção na escola que abordasse a educação para os direitos humanos e suas vertentes que tratam do combate ao preconceito, a discriminação e o racismo com projetos e atividades que focassem a história da construção cultural da população brasileira.

## OBJETIVOS GERAIS

A escola é um celeiro da diversidade. Porém, este celeiro pode- tornar-se um campo de hostilidade, quando essas diferenças se tornam gritantes, ao causar o “afrontamento” às estruturas de hegemonia do que é dito padrão, ainda que esse padrão tenha sido construído histórica e socialmente como modelos a serem seguidos; o homem, heterossexual, religioso, branco, bem-sucedido, monogâmico. A prática da exclusão começa quando esse suposto perfil regedor da aceitação social é contestado por um colega obeso, por uma colega negra com cabelo crespo, por outro com postura afeminada, e outro com discurso ateu. São os “diferentes”; aqueles perseguidos e expostos em situações de vulnerabilidade por serem modelos contrários ao padrão subjetivo, do ditador do estereótipo comportamental: o eu.

Esse “eu”, que usa a auto referência para elaborar um contraponto de desigualdade, pode usar de força física ou violência psicológica para reafirmar o conceito de homogeneização cultural, comportamental e/ou social, como nos mostra (SILVA, 2007, p. 97) appud Nascimento e Delmondes, que afirma que “mesmo quando explicitamente ignorado e reprimido, a existência do outro, do diferente, é inevitável, explodindo em conflitos, confrontos, hostilidades e até mesmo violência”.

Basta pararmos, por alguns minutos, em frente ao portão, enquanto os alunos entram para assistir às aulas e, mesmo com o uniforme obrigatório (mesma cor, logomarca), sendo praticamente impossível encontrarmos dois alunos com as mesmas características físicas. É evidente que se observe o processo de personalização através da singularidade dos adereços, colares, mochilas, cores e acessórios, que os tornam únicos em meio à padronização. Esse já seria um ótimo ponto de partida para que se trabalhasse a diversidade no contexto escolar.

Porém, infelizmente, a diversidade e as discursões, que, quando acontecem, não saem do campo “limítrofe de segurança”, o senso comum, com base no modelo de família tradicional e no cristianismo como referente de

religiosidade no Brasil; a compreensão aquele mesmo que evita confronto às estruturas ditas conceituais ou padrão de “normalidade”.

Para que a escola debata com qualidade a diversidade cultural, não basta apenas reproduzir os discursos como o do *bullying*, nem apenas na detecção de situações no ambiente escolar de práticas excludentes, mas, com coragem e embasamento científico, que se aprofunde a reflexão de forma mais ampla para as questões de gênero, orientação sexual, etnia, raça, classe social e religião, também. Desta maneira, será possível trazer à luz da reflexão, com atividades direcionadas ao acolhimento da diferença com naturalidade, o debate que combata os pré-conceitos, que desqualificam o outro e o que se desconhece do universo do outro, incluindo a dissolução de estereótipos. Essa ação da escola poderá trazer como resultado o entendimento da diferença como um processo agregador ao conhecimento, cultura e tolerância, que não necessariamente te leve a viver o modelo de vida “diferente” do outro, mas conhece-lo e respeitá-lo.

A escola não é apenas o lugar de ensino formal ou de ascensão social, como é de costume supor, e os processos que acontecem nesse ambiente, durante a aprendizagem, podem ser libertadores e transformadores, quando esta não perpetua a reprodução de conceitos e preconceitos, que desconsidera a pluralidade que ela contém, em suma, os próprios alunos/as. Como afirma Charlot (2012), uma criança, ao entrar em uma escola, passa ao mesmo tempo por um processo de humanização, entrada numa cultura e singularização, e que esse lugar interfere diretamente na cultura dessa criança, pois não tem como objetivo final apenas o ensino formal de códigos, linguagens e estruturas lógico-matemáticas e científicas, mas também no seu desenvolvimento afetivo e cognitivo que a auxiliará na ampliação ou limitação de seu olhar sobre o mundo em que está inserida.

A nossa sociedade brasileira é multiétnica, multicultural e multireligiosa e não pode deixar de encontrar na escola espaço para que esta criança desenvolva competências para relacionar seu mundo cultural com outros mundos, outras linguagens, com outras culturas e consigo mesma. A escola, por concepção, é o espaço social de encontro com o outro e mostra de fato sua importância no processo de formação do cidadão, quando proporciona

oportunidades de sairmos de uma visão etnocêntrica<sup>4</sup> para uma visão ampla da diversidade, que nos ajudam a redimensionar o tamanho do mundo e ressignificá-lo numa ética que avalie os valores para o bem conviver e a estética que acolha a pluralidade cultural e diversidade não apenas para resolver perguntas prontas, mas também formular novas perguntas, novos questionamentos.

A escola, também, é um espaço de contradições e conflitos pela oportunidade de receber o cidadão que ingressa no ambiente escolar com uma identidade e um histórico importante de vivência em uma cultura familiar, que perpassa por valores religiosos, éticos, morais, filosóficos, econômicos e históricos diferentes uns dos outros e, essa “placenta social”, como cita a autora, nos leva a refletir que não é possível desconsiderarmos a individualidade desse aluno/a.

Desde o ventre, a criança já recebe os primeiros referenciais de informação sobre onde ela será inserida, mas é na primeira infância que ela forma o seu caráter. Segundo Piaget:

“o conhecimento não pode ser concebido como algo predeterminado desde o nascimento (inatismo), nem como resultado do simples registro de percepções e informações (empirismo). Resulta justamente das ações e interação do sujeito com o ambiente onde vive para ele o conhecimento é uma construção que vai sendo elaborados desde a infância através de interações do sujeito com os objetos que procura conhecer, sejam eles do mundo físico ou cultural.” (PIAGET, 1971)

Logo, como educador, não podemos desconsiderar alguns fatos importantes da primeira fase de construção da identidade pessoal e social desse aluno, que em alguns casos, justificam certas posturas no final do processo, como posso observar nos meus alunos do Ensino Fundamental II (preconceito, homofobia, intolerância religiosa, violência, etc.). A família é responsável na infância pelo desenvolvimento físico da criança, com o alimento

---

<sup>4</sup> Etnocentrismo é um conceito da Antropologia definido como a visão demonstrada por alguém que considera o seu grupo étnico ou cultura o centro de tudo, portanto, num plano mais importante que as outras culturas e sociedades. Chamamos de etnocentrismo uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e por meio da qual olhamos, sentimos e pensamos todos os outros, tendo como modelos nossos valores. Em termos intelectuais, a visão etnocêntrica mostra uma dificuldade para pensarmos a diferença; afetivamente, ela se traduz por sentimentos de estranheza, medo, hostilidade (ROCHA, 1994) apud Ambiente Escolar - construção democrática, direito à aprendizagem e à cultura, 2015.

e a estrutura que permite que essa criança tenha segurança e afeto para se desenvolverem, porém, hoje o conceito de família é plural e vem sofrendo transformações ao longo do tempo. Tanto a escola quanto nós educadores, temos um papel importante no processo de transformação do indivíduo, utilizando atividades e projetos que abram espaço para a constante avaliação e reavaliação do aluno/a e do seu contexto, motivando-os a contribuírem na transformação de sua realidade.

No sentido de contribuir para a discussão contra o preconceito em minha escola, o presente estudo tem como objetivo geral: Despertar a visão crítica dos alunos/as, no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental II sobre o tema preconceito, a partir de uma produção escrita. São objetivos específicos:

- Apresentar uma abordagem sobre Direitos Humanos e Preconceito Racial em relação à educação;
- Utilizar uma atividade do livro didático que apresenta a abordagem do tema preconceito racial;
- Produzir uma atividade que analise a visão crítica sobre o tema preconceito;
- Descrever o posicionamento e opiniões sobre o tema preconceito racial, a partir de uma produção escrita dos alunos no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental II,
- Analisar se as produções escritas apresentam algum posicionamento que endosse ou reproduza alguma prática que reproduza o preconceito racial ou fira os direitos humanos;
- Propor ações de intervenção aos resultados levantados nas produções escritas.

## **CAPÍTULO 1 – Os Direitos Humanos e a Educação**

Ao que se pode perceber, não há uma definição finalizada, tampouco consensual ou precisa sobre o que são dos Direitos Humanos. Alguns autores, como Bobbio (1992) e Silva (1991) appud Borges (2011 pg. 1), em que Silva afirma que não se pode confundir direitos humanos com direitos naturais – proveniente da natureza das coisas ou inerente a pessoa humana; inatos ao homem apenas pelo fato de ser homem – mas sim são direitos positivos, históricos e culturais com base das relações que são estabelecidas de acordo com o momento histórico; enquanto Bobbio afirma que os direitos humanos não podem ser entendidos na visão tautológica, de direito natural, mas que são produto da civilização humana; enquanto direitos históricos, portanto são mutáveis, sofrem transformação e são ampliados na sociedade.

Outra abordagem importante, apresentada por Borges (2012) ao reunir conceitos sobre Direitos Humanos, é que no Estado liberal, as expressões direitos individuais e direitos públicos subjetivos são concepções para o indivíduo em relação ao Estado, quando este é garantido, sob o aspecto jurídico, à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, mas que mesmo assim não são suficientes para se apresentar como uma definição ampla dos direitos humanos, tampouco de garantir que esses direitos sejam universais, pois também variam de acordo com a cultura de cada local.

Antes da noção social do Direito, recebemos desde a infância as referências de cultura, normalmente recebidas em primeira instância pela família, que também ajuda a formar a concepção de valores – positivos e negativos – sociais, e que acabam pré-moldando nossas referências sobre os “direitos e deveres” humanos ainda na infância – o que também pode ter embasamento no juízo religioso de valor.

A partir dessa ideia, a tendência à aplicação da “Lei de Talião”<sup>5</sup> para os julgamentos perpassam pela visão empírica de certo e errado e punição aos

---

5 Deriva da expressão latina *lex talionis* (Lei do Talião). O termo “talião” vem do latim “*talis*” (tal) que significa “idêntico” ou “semelhante”. Portanto a pena para os crimes aos quais se aplica essa lei não é uma pena equivalente, mas idêntica, semelhante. Na Bíblia Romana, é conhecida pela expressão “olho por olho, dente por dente”.

juízos abstratos do que julgamos, a partir do nosso conceito construído ao longo de um primeiro processo de entendimento sobre os direitos, especialmente se esse se direciona ao direito sobre a vida: o princípio da “equidade” em algumas culturas de devolver na mesma medida os atos contra a vida ou contra outro ser humano; se matou alguém, pena de morte; se roubou, corta-se a mão; se houve traição, apedreja-se.

Recentemente, no caso do brasileiro Marco Ascher, que foi executado na Indonésia, pudemos observar na prática o que afirma Santos (2009) sobre a questão do combate às violações e luta pela efetivação dos direitos humanos, que não podem se basear na ótica individualista, mas analisar o contexto cultural e político que é formalizado pelo Direito. Enquanto a Presidenta Dilma Rousseff tentava lutar para que se aplicasse a punição mediante as leis brasileiras para o tráfico, o governo da Indonésia se manteve firme e cumpriu a lei executando o traficante brasileiro de acordo com as leis do país, o que nos demonstra que os direitos humanos não são universais.

Os Direitos Humanos estão relacionados diretamente ao processo também de maturidade e consciência do povo, que entende as necessidades, sejam de reparação para injustiças históricas ou atuais reavaliando não apenas o que já está previsto na lei, mas buscando a evolução das garantias dos Direitos para os desfavorecidos ou marginalizados, ainda que estes estejam na esfera daqueles que causam a nossa revolta social, como os bandidos, assassinos, estupradores, etc., mas que também devem ter seus direitos resguardados para possibilidade de defesa ou reintegração social.

### 1.1 O Preconceito, o Preconceito Racial e a Educação

Pulino (2015) diz que educar é um ato de acolhimento, de cuidado. Porém, é importante trabalharmos a relação desse indivíduo com o outro, com suas especificidades, cultura de que faz parte, crenças, ideias, valores e características físicas. Justamente nesse momento, acontecem os conflitos, especialmente quando relacionamos o preconceito a questão racial. Segundo o ex-Ministro da Educação Paulo Renato de Souza,

a formação cultural do Brasil se caracteriza pela fusão de etnias e culturas, pela contínua ocupação de diferentes regiões geográficas, pela diversidade de fisionomias e paisagens e também pela multiplicidade de visões sobre a

miscigenação em sentido amplo, algumas ainda presas à desinformação e ao preconceito. Esse caldo de cultura muitas vezes gera atritos e conflitos em casa, na rua, no trabalho e na escola. (Superando o Racismo na Escola, 2005).

Em nossa sociedade, há desde nosso descobrimento, há uma referência cultural europeia que sobrepõe todas as outras culturas formadoras de nossa identidade cultural. Até hoje, mesmo que a diferença designa o “outro”, a partir de uma auto referência, ainda parte da convenção do padrão heterossexual ou heteronormativo, branco, europeu e cristão coloca a todos que divergem desse padrão como diferentes – e consequentemente excluídos – logo, o racismo, a xenofobia, a homofobia, etc., são frutos dessa definição.

Esta definição cria o “diferente”, e coloca-o à margem da sociedade, pois quem não se encaixa no modelo que preserva o conceito e valores deste grupo dominante; que a partir do processo de globalização, visa impor a classificação dos comportamentos, corpos, homogeneização das pessoas e das culturas e desconsidera a diversidade cultural. Quem não se encaixa nessa lógica heteronormativa-europeia-branca-cristã, da maioria dominante política-cultural, acaba por confrontar esse padrão e sofre retaliações que foram construídas em um processo histórico.

A escola, como lugar de encontro da diversidade, mas também como produto do capitalismo, não poderia ficar imune do preconceito recebido das diversas formas históricas e reproduzidas, ainda hoje, mesmo após as políticas e debates já realizados, como a política de cotas nas universidades e concursos públicos. Por esse motivo, há uma grande importância que dentro do currículo, sejam abordados de forma transversal a história da formação do país que perpassa pela cultura negra, intrínseca em nossa raiz celular de produção cultural, literária, artística, política, social e religiosa.

Segundo a Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, reunida em Paris, em sua 20.º reunião, de 24 de outubro a 28 de novembro de 1978, diz em seu artigo 2º que

§1. Toda teoria que invoque uma superioridade ou uma inferioridade intrínseca de grupos raciais ou étnicos que dê a uns o direito de dominar

ou de eliminar os demais, presumidamente inferiores, ou que faça juízos de valor baseados na diferença racial, carece de fundamento científico e é contrária aos princípios morais étnicos da humanidade.

§2. O racismo engloba as ideologias racistas, as atitudes fundadas nos preconceitos raciais, os comportamentos discriminatórios, as disposições estruturais e as práticas institucionalizadas que provocam a desigualdade racial, assim como a falsa idéia de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; manifesta-se por meio de disposições legislativas ou regulamentárias e práticas discriminatórias, assim como por meio de crenças e atos antissociais; cria obstáculos ao desenvolvimento de suas vítimas, perverte a quem o põe em prática, divide as nações em seu próprio seio, constitui um obstáculo para a cooperação internacional e cria tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais ao direito internacional e, por conseguinte, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais. §3. O preconceito racial historicamente vinculado às desigualdades de poder, que tende a se fortalecer por causa das diferenças econômicas e sociais entre os indivíduos e os grupos humanos e a justificar, ainda hoje, essas desigualdades, está solenemente desprovido de fundamento. (Declaração Sobre Raça e Preconceitos, 1978).

Algo que pode ser considerado um conector entre os parágrafos acima e as discussões sobre o preconceito racial nas escolas, tanto públicas quanto privadas, é a garantia que uma lei efetivamente oferece ao cidadão brasileiro negro de ter seu direito preservado e, mais que isso reconhecido, com eficácia para o direcionamento dessa causa específica.

No sentido social e natureza de uma lei, apenas a oralidade não garante o direito de um cidadão e, desta forma, quando o Estado se adequa aos desafios e transformações que acontecem diariamente em uma sociedade ou reconhece, mesmo que tardiamente, um direito histórico para uma demanda específica, há nesse momento o exercício da democracia, que não apenas pretende assegurar os direitos, mas os deveres do cidadão e do estado para com esse cidadão – quando falamos do direito tanto individual quanto do coletivo.

Seguindo esse raciocínio, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) veio reafirmar a Constituição Federal, dando um foco específico para a educação como um todo; desde da estrutura do trabalho educativo, através de leis, portarias, resoluções, etc., como também da valorização do profissional de educação e do sistema educacional, que na rede pública, recebeu mais recursos e verbas para que se garanta uma educação democrática, estruturada, com parâmetros que visam organizar uma mesma estrutura para todos os estados – que mesmo não sendo ideal, por desconsiderar as

características específicas de cada região – e assim garantir uma educação de forma integrada ao currículo escolar.

Uma das grandes vitórias que a LDB 9.394/96 recebeu, o que nos remete a ideia de que a lei precisa se adequar às transformações e desafios da sociedade, especialmente os desafios históricos, foi a alteração 10.639/2003 que inclui a cultura afro-brasileira no currículo, instituindo o Dia da Consciência Negra e a História da Cultura Afro-brasileira no currículo escolar, o que é uma retratação histórica à história e cultura do nosso país, com raízes africanas e várias manifestações que sempre ficaram à margem do espaço escolar ou se remetiam apenas ao período Brasil-Colônia na disciplina de História.

Além disso, outra alteração importante foi a instituição do 9º ano, o que garante às crianças a partir dos 6 anos, o ingresso no Ensino Fundamental, direito de toda a criança brasileira; como também a garantia por Lei de 200 dias letivos e 800 horas/aula efetivas para o calendário anual. É importante que valorizemos essas leis, que, na prática ainda não são ideais, mas existem e podem nos assegurar que os direitos, especialmente os relacionados à educação sejam respeitados.

## **CAPÍTULO 2 – O Livro Didático e a Abordagem Descritiva sobre o Preconceito Racial**

O material didático, mais especificamente o livro didático tem uma função que vai muito além de reunir os conteúdos obrigatórios previstos para cada disciplina nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's): tem também a função de utilizar o contexto desses conteúdos para apresentar conceitos básicos de conscientização, quanto à diversidade humana e também noções de civilidade.

Assim como outras políticas públicas, o Programa Nacional do Livro (PNL) tem por objetivo garantir os livros didáticos para os alunos matriculados nos anos iniciais do ensino básico, direito garantido pela Constituição de 88, e é executado pelo FNDE que seleciona, contrata e distribui os livros para as escolas públicas. Este programa tem início histórico, ainda que com outra denominação, em 1929 e, desde 2001, atende também os alunos portadores de deficiência visual com livros didáticos em braile, numa contrapartida prática para a inclusão de alunos com essa necessidade.

Basicamente há um processo definido por base de edital para a escolha do material que tem um período de utilização de 3 anos, salvo quando esse material for consumível ou complementar. As editoras são convocadas pelo edital que normatiza as regras para apresentação do material, que devem, obrigatoriamente, não trazer em seu conteúdo imagens ou referências que incitem o preconceito ou a exclusão racial, social, sexual, religiosa, étnica ou que apresente filosofias que firam os direitos humanos.

Em seguida, após uma avaliação técnica – analistas que avaliam pedagogicamente o material – a lista é enviada para as que as escolas definam de forma colegiada entre professores e equipe pedagógica o material que será adotado pela escola nos próximos 3 anos. Essa iniciativa visa à inclusão dos professores no processo de eleição do material didático, mas pouco influencia no parecer técnico enviado às escolas – entenda-se aí a soberania do parecer frente às possíveis observações dos profissionais quanto à alguma imagem ou informação que julgarem incondizentes.

O PNL é um programa de extrema importância para o ensino público, pois dá acesso ao livro aos alunos mais carentes e poderiam não conseguir adquirir todo o material que é fornecido pelo Estado. É importante frisar que a proposta do material didático gratuito e rotativo também implica em responsabilidade do estudante que precisa zelar pela qualidade e integridade do mesmo, pois será devolvido – no caso dos livros não consumíveis – ao final de cada ano letivo.

Essa mesma exigências, não são, completamente, critérios para a escola do livro didático nas escolas particulares, como no caso do livro adotado pela escola que será objeto de referência desta pesquisa. A maioria dos estabelecimentos particulares utiliza, como critério básico, se este está em consonância com os critérios previstos pelos PCN's, que são de caráter normativo, e, segundo afirma (LESSA, 2012) sua elaboração foi justificada pela necessidade de cumprir o disposto no artigo 210 da Constituição Federal, ratificado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – (1996), que determinava a fixação de “conteúdos mínimos para o ensino fundamental, de maneira a assegurar a formação básica comum e respeito aos valores culturais e artísticos, nacionais e regionais”.

Como a rede privada de ensino não precisa cumprir editais para escolher os materiais, o número de editoras e sistemas de ensino que produzem os materiais geram uma briga comercial, em que nem sempre a qualidade técnica e as abordagens transversais, como a temática do preconceito, são abordadas de maneira insuficientes e podem inclusive, reproduzir ideias ou imagens preconceituosas, se não contextualizadas pelo professor. O ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, afirma que,

é indispensável que os currículos e livros escolares estejam isentos de qualquer conteúdo racista ou intolerância. Mais do que isso. É indispensável que reflitam, em sua plenitude, as contribuições dos diversos grupos étnicos para a formação da nação e da cultura brasileiras. Ignorar essas contribuições – ou não lhes dar o devido reconhecimento – é também uma forma de discriminação racial. Superando o Racismo na Escola, appud Munanga (2005).

Segundo Leite (appud Negrão, 1988) o livro didático cria “uma realidade adaptada ao ideal que o escritor pretende incutir em seus leitores”. Partindo desta reflexão, utilizarei como objeto de análise, o livro Português e Linguagens

(LiDi) dos autores William Cereja e Thereza Cochar (Atual, 2014. Ed. Reformulada), utilizado no 9º ano do Ensino Fundamental II, no colégio que chamarei de ALFA, para verificar essa publicação aborda o tema preconceito e que atividades são propostas por ele. Porém, antes faz-se necessário conceituarmos Direitos Humanos e Preconceito, para percebermos se este material apresenta uma abordagem direcionada aos temas.

## **2.1 – Atividade sobre o Preconceito Racial no livro Português Linguagens (LiDi)**

O livro apresenta 3 páginas com textos relacionados ao preconceito racial, em forma de atividade de uma produção de texto. Contudo, não há uma introdução que amplie ou explique o que venha a ser o preconceito racial, nem definições que possam ser utilizadas pelo professor para abordar o tema.

A atividade “Agora é sua vez” apresenta o tema a partir de uma questão-problema: “Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou enrustido?”. Logo em seguida, indica a leitura de 4 textos motivadores que abordam a temática e indica a produção de um texto dissertativo-argumentativo para o seguinte tema: “Brasil: um país sem preconceito?” sem indicar, a priori, de qual preconceito está se referindo.

O texto I aborda um trecho do site Globo Esporte, que narra sobre o incidente com o atacante Daniel Alves, em 2014, em que sofreu uma manifestação racista no jogo entre o Barcelona e o Villarreal, quando jogaram uma banana dentro de campo e ele a comeu em forma de protesto, recebendo várias mensagens de apoio após o episódio; o texto II é uma continuidade ao texto I, quando afirma no título “Somos todos racistas. E a banana do Daniel Alves não muda isso”, em que traz questionamentos sobre o preconceito contra negros no futebol, cujos grandes atletas são negros, porém a maioria dos treinadores, comissão técnica e cartolas são brancos.

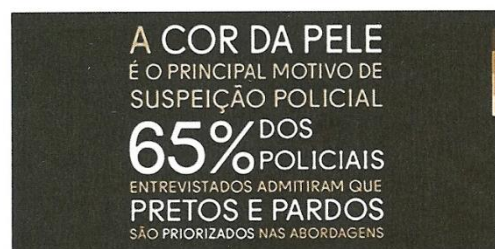
Já o texto III, apresenta o depoimento da adolescente Gabriele dos Santos Oliveira, que aos 15 anos, relata o ponto de vista de alguém que sofreu o preconceito e o reflexo psicológico que isso acarretou. Ela também aborda a importância da valorização da história do povo africano na educação e do não julgamento de uma pessoa pela cor de sua pele. O texto IV apresenta uma

exemplo interessante sobre o preconceito racial: o albinismo. O Doutor em dramaturgia Roberto Rillobiscaro, conta como foi a superação dos problemas de saúde e preconceito que sofreu desde a infância – era chamado de rato branco e marciano – e precisou desenvolver estratégias para superar o preconceito e se destacar na sociedade.

Outras informações importantes são apresentadas em forma de imagens; a primeira, no texto II, reproduz o slogan “Racismo??? Tô fora! Somos todos iguais” e em seguida, apresenta dados sobre o preconceito racial no Brasil em que:



NÃO EXISTE NADA MAIS  
**PERIGOSO**  
NO BRASIL DO QUE SER UM  
**JOVEM NEGRO**  
DOS 52.198 MORTOS POR  
HOMICÍDIO EM 2011 NO PAÍS  
MAIS DA METADE ERAM JOVENS  
**71,5% ERAM NEGROS**  
**93% ERAM HOMENS**



**A COR DA PELE**  
É O PRINCIPAL MOTIVO DE  
SUSPEIÇÃO POLICIAL  
**65% DOS**  
**POLICIAIS**  
ENTREVISTADOS ADMITIRAM QUE  
**PRETOS E PARDOS**  
SÃO PRIORIZADOS NAS ABORDAGENS



PARA **55,8%**  
**DA POPULAÇÃO**  
A MORTE DE UM JOVEM NEGRO  
**CHOCA MENOS**  
DO QUE A MORTE DE UM JOVEM BRANCO

(Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/especial/ser-um-jovem-negro.html>. Acesso em: 18/6/2014.)

(Pg 228 do livro Português Linguagens, LiDi)

Após a leitura dos textos, os autores Cereja e Cochar (2014) sugerem um planejamento do texto, em que o aluno deverá selecionar os melhores argumentos encontrados nos textos, para organizar uma tese no primeiro e segundo parágrafos e, em seguida, fundamentá-los para um parágrafo conclusivo. Por fim, o aluno deverá dar um título ao texto que desperte o interesse do leitor e depois exponha-o em um jornal a ser produzido na escola.

O questionamento em relação à atividade é a falta de uma abordagem inicial, que apresente o tema preconceito racial. Caso o professor se baseie apenas no material, há riscos do tema não ser plenamente alçado, inclusive pelo fato dos autores proporem a produção de um texto sobre o que o aluno “acha” – se é assumido ou enrustido – e sem definir, desde o tema da redação a qual preconceito estão se referindo. Somente após a leitura dos textos

motivadores, deduz-se que o preconceito a que se referem é o preconceito racial. Por isso, elaborei um projeto que abordasse mais amplamente a questão racial, valorizando o debate e, posteriormente, uma atividade que pudesse expor as ideias dos alunos sobre as suas produções.

### **CAPÍTULO 3 – Projeto Varal da Palavra**

A partir da atividade motivadora, descrita no capítulo anterior e de algumas inquietações sobre a escola ALFA e alguns discursos sobre preconceito racial percebido em piadas e brincadeiras entre alunos, majoritariamente brancos, ampliei o alcance da atividade, criando o projeto Varal da Palavra. Seriam essas “piadas” uma reprodução de discurso de outros (sociedade) ou já seria conceitos estabelecidos no discurso do adolescente? O projeto Varal da Palavra buscará, a partir das produções, responder a estes questionamentos.

O projeto tem por objetivo proporcionar o debate sobre o preconceito racial, os direitos humanos e, como ato concreto, a produção de uma produção de texto que será posteriormente exposto para toda a comunidade escolar e, a partir dos dados coletados, analisar como os estudantes no final do segundo ciclo do Ensino Fundamental, 9º ano, entendiam e se posicionavam quanto ao preconceito racial. A atividade/ pesquisa tem o seguinte contexto:

- a) Os sujeitos são alunos da escola ALFA, entre 13 e 15 anos de idade, concluindo o Ensino Fundamental II;
- b) A escola ALFA atende ao público de classe média e média alta, localizada no Plano Piloto. Os alunos são majoritariamente brancos e são estudantes de uma escola confessional, ou seja, que declara, em suas diretrizes, o ensino com base nos fundamentos do cristianismo e atende aos alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio;
- c) O espaço físico da escola é amplo, com quadras de esporte, ginásio, refeitório, área de convivência, auditório e acesso aos recursos tecnológicos, possui um quadro de 115 funcionários, entre professores, técnicos, auxiliares e gestores de educação e pertence a uma rede nacional de ensino.

#### **3.1 – Metodologia da Pesquisa**

A pesquisa terá a metodologia qualitativa como referência, já que, segundo Gil (1999, p.42), a pesquisa tem um caráter pragmático, é um

“processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”. Para Demo (1996, p.34) a pesquisa, como atividade, é uma atitude, um “questionamento sistemático crítico e criativo, mais a intervenção competente na realidade, ou o diálogo crítico permanente com a realidade em sentido teórico e prático”. Partindo desses conceitos, a pesquisa qualitativa melhor se encaixa para este estudo, pois não tem por objetivo a sistematização de dados em gráficos ou porcentagens, mas a análise da visão crítica do sujeito-aluno sobre o preconceito racial, para que percebamos a relação estabelecida entre este sujeito e o tema abordado, a partir de sua visão crítica ao final do processo de formação na educação básica, no 9º ano do Ensino Fundamental.

Quanto ao instrumento, foi utilizado o livro didático Português e Linguagens (LiDi) dos autores William Cereja e Thereza Cochar (Atual, 2014. Ed. Reformulada) e a produção de texto como recurso de investigação. A pesquisa foi realizada para alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, para o público majoritariamente branco, de classe média e média-alta, em uma escola particular confessional do Plano Piloto, localizada em uma região nobre de escolas tradicionais em Brasília, sendo estas informações sobre a escola importantes para a pesquisa, já que, segundo Creswell (2010), a correlação entre os sujeitos da pesquisa e os resultados partem de um ambiente natural onde ocorrem o comportamento e os eventos humanos, neste caso, a própria escola.

Quanto aos fins, esta pesquisa é de investigação descritiva, com o objetivo de entender múltiplas realidades (Lincoln e Guba, 1985) apud Creswell (2010) em que presta-se atenção às particularidades e os dados são interpretados com relação as particularidades deste público, específico – os alunos da escola ALFA, em vez de as generalizações sobre as escolas particulares como um todo. Paralelamente, realizei também uma pesquisa bibliográfica, estudando o material publicado em livros e redes eletrônicas, acessível ao público em geral, bem como os textos utilizados nos módulos do curso de Educação em/para os Direitos Humanos no Contexto da Diversidade Cultural, como base para as análises.

A pesquisa terá a metodologia qualitativa como referência, em que será realizada a partir de 5 etapas, sendo que as 3 primeiras terão duração de 5 aulas, de 50 minutos cada, e as duas últimas analíticas e que buscarão apresentar a visão dos alunos sobre o tema preconceito racial. A pesquisa seguirá as seguintes etapas:

I – **Aulas 1 e 2:** apresentação de vídeo motivador sobre o preconceito racial: uma reportagem sobre o caso do jogador Daniel Alves, relatado no texto I do livro; um vídeo sobre ao ataque às jornalistas Maria Júlia Coutinho, apresentadora do tempo do Jornal Nacional e outro com a entrevista da jornalista brasileira Cristiane Damacena, ambas profissionais que receberam ataques racistas em redes sociais, amplamente divulgados pela mídia. Os vídeos serão motivadores de um debate, em sala de aula, com a mediação do professor, que buscará levantar o ponto de vista e opinião dos alunos sobre os casos citados, bem como identificar o posicionamento dos mesmos sobre os três casos referidos;

II – **Aulas 3 e 4:** apresentação da atividade de produção de texto “Brasil, um país sem preconceito?”, proposta nas páginas 226-229 do livro Português Linguagens (Lidi) dos autores William Cereja e Thereza Cochar (Ed. Atual, 2014), em que cada aluno produzirá um texto (uma versão rascunho e outra definitiva) que será, posteriormente, exposta à comunidade escolar, sob o nome de projeto Varal da Palavra. Como forma de valorizar a individualidade e personalidade dos alunos, eles irão personalizar uma capa e quatro pregadores, que serão utilizados para segurar os textos em um varal, inspirado na literatura de cordel.

III – **Aula 5:** Roda de debate: os alunos serão convidados a fazer a leitura de suas redações para a classe, para que possam apresentar seus argumentos sobre o preconceito racial e poderão criticar e intervir no debate motivados pelos textos. Ao final, os trabalhos serão expostos no varal, em área externa da escola e apresentado na Mostra do Conhecimento – evento que ocorre, tradicionalmente, na segunda quinzena de novembro na escola. Alguns alunos serão convidados, também, para apresentar alguns textos dos colegas para os visitantes da feira.

IV – **Etapa de análise:** leitura dos textos produzidos pelos alunos e análise das informações mais relevantes apresentadas por eles;

V – Proposta de intervenções na escola que seja direcionado aos Direitos Humanos e a reflexão sobre História da Cultura Afro-brasileira e o combate ao preconceito racial.

## **CAPÍTULO 4 – Descrição e Análise das Produções de Texto sobre o Preconceito Racial**

Ao total, 33 produções de textos foram consideradas satisfatórias para a análise dos dados, já que as outras 7 apenas tangenciaram o tema ou apresentaram fuga ao tema proposto. As produções de texto serão nominadas como Texto 1 a Texto 33 e dados como nome e sexo dos adolescentes não serão mencionados na descrição. Serão consideradas as informações mais relevantes do texto, bem como argumentos que se destaquem além do tema proposto ou possíveis propostas apresentadas pelo sujeito a quem me referirei como aluno.

O *Texto 1* aborda a questão da miscigenação em nosso país, presente não apenas na raça, mas na cultura brasileira. No terceiro parágrafo, o aluno afirma que “o racismo é o mais deplorável dos preconceitos, pois atinge não só o psicológico sobre a aparência, mas vai diretamente nas raízes de quem sofre a injúria” e, em seguida reflete que devemos debater o assunto para acabar com o “costume” que considera desprezível em certas pessoas.

O *Texto 2* cita sobre a variedade de raças e etnias no Brasil, como resultado do processo de colonização e que alguns desses povos, especialmente os negros, sofrem com preconceito e discriminação. O aluno afirma também que não apenas os afrodescendentes sofrem preconceito, mas também os albinos, conforme apresentado no 3º texto motivador. Segundo o autor, o investimento em educação e conscientização da população pode ajudar a construir um mundo com igualdade e respeito para todos.

O *Texto 3* afirma sobre o Brasil como país laico – sem uma religião determinada – e que é formado pela contribuição cultural de italianos, alemães, japoneses e africanos, que contribuíram para que houvesse uma pluralidade de religiões e referências culturais. De acordo com o autor, há preconceito relacionado à cor, à raça, à religião, à condição financeira, à política e à orientação sexual, numa abordagem mais ampla, mas que a questão do preconceito racial vem diminuindo através de campanhas contra esse ato.

O *Texto 4* relaciona o preconceito racial à falta de educação das pessoas para conviver com uma pessoa negra. O aluno apresenta algumas informações sobre a colonização na África pela Inglaterra e descreve as pessoas das tribos africanas como “pessoas negras, fortes e inteligentes”, mas que foram feitas escravas “como se fossem animais”. A opinião do aluno é que, para acabar com o preconceito, deve haver “um pouco mais de ética para as pessoas aceitarem que eles são iguais a nós”.

O *Texto 5* afirma que o racismo é um problema social comum no mundo todo, pela sociedade acabar julgando os outros pelo simples fato de serem “diferentes”. O aluno cita informações dos textos motivadores, como o albinismo e o caso da jovem Gabrielle. O autor propõe, no último parágrafo, que um meio de acabar com este problema social é a conscientização da população para aceitar que os negros “são uma parte importante para a cultura do nosso país” e encerra dizendo que “eles não são diferentes de nós”.

O *Texto 6* apresenta uma relação da diferença entre o preconceito em países com os Estados Unidos e o Brasil, em que considera que seja mais evidente no exterior. O aluno relata que, mesmo que haja discriminação contra albinos, ela é mais visível contra negros e pardos, mesmo com o apoio do governo e sociedade em campanhas que combatam o preconceito. O autor utilizou dados percentuais da Revista Trip, em que afirma que para 55,8% da população a morte de um adolescente negro é menos chocante do que a morte de um adolescente branco. O texto também reflete sobre o pouco número de negros que ocupam cargos importantes e que conseguem carreiras de sucesso ou ingresso em faculdades de renome.

O *Texto 7* discorre sobre o preconceito contra negros no Brasil, mesmo este sendo formado por diversos grupos e etnias. Segundo o aluno, a população brasileira deveria se conscientizar que a mistura de raças “é parte da nossa história e cultura” e que deveríamos “aceitar as pessoas do jeito que elas são e não praticar nenhum tipo de preconceito pelo fato delas serem diferentes”.

O *Texto 8* define o preconceito como uma visão arcaica e antiquada que herdamos do começo de nossa colonização, o que apenas provoca atraso para

a sociedade. O aluno reflete sobre a dificuldade de mudar uma opinião “enraizada” em uma pessoa, quanto mais em uma sociedade inteira, para as próximas gerações; porém propõe uma mobilização de toda a sociedade em favor da mudança da forma de pensar sobre o preconceito. Ainda que pareça improvável, ele afirma não ser impossível que o tempo e o senso de igualdade poderão acarretar em uma mudança.

O *Texto 9* reflete sobre o papel negativo da mídia que constrói um “padrão” de beleza e referência em que mostra como pessoas “bonitas” apenas as brancas, o que o aluno entende como sendo “um tipo de discriminação”. O autor também citou o caso do jogador Dçlaniel Alves e a atitude do jogador Neymar que criou um movimento de combate ao racismo no futebol.

O *Texto 10* refere-se ao estereótipo criado para as crianças que “ser negro é algo ruim”. O aluno discorre que a população hoje em dia tem mais “compaixão” pelo negro do que antigamente e faz um comparativo com o governo de Hitler que era “muito cruel com pessoas negras e judeus”. Apesar dessa correlação, o autor encerra o texto afirmando que “o mundo precisa entender que todos somos iguais, e que, assim como o tamanho não é documento, cor também não é”.

O *Texto 11* reflete que o preconceito racial pode acontecer com qualquer raça, seja ela branca, parda ou albina, mas compreende que é praticado, na maioria das vezes contra negros. O aluno reflete que “sem a educação, dificilmente as pessoas mudarão a opinião” sobre o preconceito e que se não houver a conscientização das novas gerações, o preconceito poderá perdurar em nossa sociedade.

O *Texto 12* faz uma correlação biológica e climática sobre o que caracteriza um ato racista. Segundo o aluno, “cada pessoa tem seus traços e cor de pele influenciados pelo meio ambiente” e “quando a incidência de sol é maior as pessoas tendem a ser mais morenas e quando menor, são mais brancos”. Ele afirma, também, que todo ser humano é “geneticamente similar” e que é necessário conscientizar a população, porque somos todos iguais.

O *Texto 13* afirma que o racismo é “uma forma de agressão verbal” e que pode chegar a agressão física e que racismo ocorre com a raça negra,

pelo histórico de dominação, escravidão, pobreza, etc. O aluno também cita os casos do jogador Daniel Alves e Gabrielle dos Santos e finaliza dizendo que a decisão de mudança, para acabar com o racismo, é pessoal.

O *Texto 14* correlaciona o preconceito racial com a involução social, já que afirma que o preconceito causa um atraso na evolução da sociedade. O aluno também encoraja a quem sofre situações de preconceito a superar o fato e que não se devem “deixar abalar” quando sofrem discriminação, enquanto nada é feito, já que sempre haverá pessoas para “apoiá-las”.

O *Texto 15* também apresenta o preconceito racial como algo global, presente em qualquer lugar e reflete sobre a importância da mídia em divulgar acontecimentos discriminatórios e os movimentos sociais que combatem este preconceito. Ele retoma o caso do jogador Daniel Alves e o movimento criado por ele e o jogador Neymar para o combate a atos racistas no futebol mundial. Segundo o aluno, o combate ao racismo e ao preconceito na sociedade será difícil para “expurgar atitudes tão vis”.

O *Texto 16* afirma que o preconceito racial está presente em qualquer lugar e que é difícil combatê-lo até que suma da sociedade. O aluno analisa que nem mesmo os famosos estão livres de atos racistas, citando o caso de Daniel Alves, mas que casos assim podem acabar ajudando outras pessoas que sofrem com o preconceito.

O *Texto 17* aborda o racismo como “principal problema nos dias de hoje”, ainda que autoridades e grande parte da sociedade estejam combatendo tal atitude. O aluno apresenta os dados percentuais dos textos motivadores e propõe o combate com a união de todos para acabar com “esses tipos de pessoa” (racistas).

O *Texto 18* indica que, no perfil da pessoa racista, a arrogância e a ignorância são fatores que os levam a se acharem superiores pela sua raça. Ele afirma que um ato racista pode ser visto como uma “brincadeira de mau gosto”, mas que isto representa um retrocesso para a sociedade. Ela propõe que esta situação seja mudada, a partir de uma reavaliação de nosso compromisso com o próximo.

O *Texto 19* conclui que “o principal motivo do racismo é a falta de investimento na educação brasileira” o que torna lento o combate. Entre as informações que se destacam, o aluno traz os dados que 71% dos assassinados no Brasil são negros e que os policiais militares brasileiros admitem que os negros são a etnia mais abordadas por eles. Em seu ponto de vista, o racismo vem sendo combatido, mas que deveria tornar-se um assunto apenas descrito nos livros de história e não mais “entre nós”.

O *Texto 20* define o racismo como “o ato de demonstrar superioridade, por meio de pensamentos ou atitudes que difamam outras raças humanas” e que não ocorre somente com negros, mas também com outras raças. O aluno afirma que o preconceito racial pode ser reproduzido através de piadas, xingamentos ou quando alguém evita o contato físico. Ainda segundo o autor, quando uma pessoa se torna preconceituosa, ela “perde o privilégio de reivindicar por direitos iguais a todos”. Ele refere-se, também, ao nazismo, como exemplo de como o racismo não é algo recente.

O *Texto 21* retoma que no Brasil, mesmo após a abolição da escravidão, ainda podemos perceber a persistência do preconceito ligado com a formação familiar ou presente na escola. O aluno reflete que na relação inter-racial (negro e branco) deveria ser de respeito entre elas e não de domínio como existe em nosso país.

O *Texto 22* faz uma leitura atemporal do preconceito racial, ao afirmar que “existiu, existe e talvez sempre vá existir” e está presente em nossa história com a escravização dos negros. O aluno, baseado nos textos motivadores, diz que “as vítimas de racismo podem acabar sentindo-se inferiores e começar a acreditar que são mesmo inferiores” e assimila o preconceito racial a estagnação no tempo (passado) em que era considerado algo normal. O autor, ao denominar pessoas racistas como “egoístas e ignorantes”, cita o filósofo Bertrand Russel, que diz que “para que a mudança seja mesmo indubitável, há a necessidade da mudança do pensamento dos preconceituosos para que a sociedade mude”.

O *Texto 23* afirma que, apesar do Brasil ser formado por diversas etnias, os negros “por causa da sua tonalidade mais escura” sofrem preconceito de

diversas formas, como “apelidos maldosos” e discriminação por causa do seu ‘tom de pele diferente’ e até mesmo violência”. O aluno finaliza o texto dizendo que “somos todos humanos e não será o simples fato de uma cor diferente que mudará isso”.

O *Texto 24* reflete que o preconceito e racismo “são problemas evidentes no Brasil e que estão enraizados na cultura do país desde que foi descoberto pelos portugueses”. De acordo com o autor, “as pessoas não brancas” são as primeiras suspeitas dos policiais, e além disso, não ocupam nenhum cargo importante. O aluno também afirma que a sociedade a qual vivemos é racista e o preconceito continua afetando pessoas negras, tanto emocionalmente, quanto fisicamente e influencia na autoestima de crianças desde o berço.

O *Texto 25* conclui que casos de racismo são percebidos em nossa cultura e que os casos de racismo se devem pelo fato das pessoas serem diferentes umas das outras. O aluno também discorre que é necessário combatermos o preconceito pois “as pessoas negras não podem ser julgadas por sua cor e sim por sua capacidade e competência, que independe da cor. Segundo o autor, “essas pessoas” pensam, agem e fazem coisas iguais, independentes da sua raça.

O *Texto 26* questiona a persistência do racismo no Brasil, quando “a população de pretos e pardos cresce cada vez mais”, pois apresenta dados do Censo, em 2010, em que o número percentual de pardos saltou de 38,5% em 2000 para 43,1% (82 milhões) em 2010. O aluno também faz a correlação do negro com a cultura, quando diz que são responsáveis por comidas como o acarajé e lutas como capoeira e pondera que “temos de parar de falar ‘são como nós’ e começar a colocar na cabeça ‘somos como eles’”.

O *Texto 27* também apresenta a ideia que no Brasil já não há tanto preconceito racial quanto em outros países, mas os negros ainda são mal vistos pela sociedade, especialmente quando são relacionados ao crime. O aluno afirma que o preconceito com relação as diferenças raciais podem ser evitadas com investimento em educação, que, segundo ele, “é a base de tudo”.

Os *Textos 28 e 29* também apresentam os casos do jogador Daniel Alves e Gabrielle como comprovação de o que o preconceito no Brasil ainda existe, apenas reproduzindo os casos sem acrescentar ponto de vista ou informações além dos textos motivadores. Já o texto 29 apresenta a proposta que o preconceito deve ser combatido na sociedade, mesmo sem especificar de que maneira.

O *Texto 30* aborda questões polêmicas sobre o preconceito racial e diz que a população não percebe ou ignora a situação. O aluno aborda a política de cotas nas universidades/faculdades e afirma que a política, na verdade, desmerece o estudo de ambos (brancos e negros) e que o certo seria cota para quem tivesse pouca condição financeira, independentemente da cor da pele. Outra situação abordada a maneira que lojistas, que trabalham em lojas caras, abordam os clientes negros. Segundo o autor, a mudança deve vir de dentro de si mesmo ao pensar como as pessoas se sentem mal com esses acontecimentos.

O *Texto 31* também apresenta uma abordagem do preconceito em uma abordagem global, não apenas em nosso país e apresenta o contexto do nosso país. O texto também fala sobre as implicações criminais e o conceito de crime contra quem comete atos racistas. O aluno também reflete sobre os grandes cargos serem ocupados por brancos e sobre os casos do jogador Daniel Alves e a jovem Gabrielle. O aluno correlaciona a dificuldade de resolução deste problema com a falta de acesso das pessoas a educação. Podemos perceber, nesse relato do aluno a definição apresentada no módulo Sujeitos da Diversidade Cultural e da Desigualdade que afirma que “o processo de hierarquização das pessoas em função de suas “raças” é o que chamamos de racismo”, pois cria uma relação de prestígio e poder e de subalternidade.

Por fim, o *Texto 32* afirma que a discriminação social é um problema comum no Brasil e que acontece quando pessoas de raças diferentes, discriminam a outra. Segundo o aluno, para prevenir o racismo – ou qualquer outra discriminação – devem ser feitas manifestações contra o racismo e o governo pode contribuir realizando campanhas.

#### **4.1 Análise/ Reflexões sobre os Dados Provenientes das Produções de Texto para o Projeto Varal da Palavra**

Em uma visão global, a maioria dos textos produzidos pelos alunos do 9º ano, conseguem apresentar uma visão consciente sobre o preconceito racial, e apresentarem temas como a relação do preconceito com o atraso social; a persistência do racismo em nossa sociedade; o racismo e o preconceito enraizado em nossa sociedade; a visão global do preconceito, em correlação com outros países; xingamentos, agressões verbais e físicas, brincadeiras de mau gosto e discriminação como atos racistas de superioridade de outras raças; a mídia, tanto responsável por criar um suposto padrão de beleza, em que o branco é referência desse padrão, quanto da divulgação de atos de violência e racismo contra o negro e a divulgação dos mesmos pelos veículos de comunicação. Contudo, é importante retomarmos algumas falas e posicionamentos que apresentam visões positivas e outras contraditórias quanto ao preconceito racial.

É possível perceber em produções, como os Texto 1 e 8, a visão crítica e opinião mais incisiva, quando definem o racismo como deplorável e uma visão arcaica herdada do começo de nossa colonização e que estão enraizadas em nossa sociedade, ainda que a miscigenação esteja presente na raça e na cultura do país. Com essas palavras, os alunos se posicionam severamente contra a persistência do preconceito racial nos dias atuais. O *Texto 14* correlaciona o preconceito racial com a involução social, já que afirma que o preconceito causa um atraso na evolução da sociedade, enquanto o *Texto 18* indica que, no perfil da pessoa racista, a arrogância e a ignorância são fatores que os levam a se acharem superiores pela sua raça. Percebo que estes pontos de vista são importantes já que estes alunos conseguem fazer uma análise do preconceito de uma forma mais ampla, e não superficial.

O *Texto 3* refere-se ao Brasil como país laico – sem uma religião determinada – e que é formado pela contribuição cultural de italianos, alemães, japoneses e africanos, que contribuíram para que houvesse uma pluralidade de religiões e referências, porém não deixa claro se está se referindo a relação das religiões cristãs em relação às de matrizes africanas. O aluno também expande o conceito de preconceito para outras vertentes do quando se refere à

cor, à raça, à religião, à condição financeira, à política e à orientação sexual, fatores que podem agravar a questão do preconceito racial, se este sujeito estiver inserido em outras abordagens preconceituosas da sociedade, com ser negro, pobre e homossexual, por exemplo.

Outro fator que foi percebido nas produções são referências ao preconceito racial em relação ao sujeito-aluno da raça branca, produtor do texto. Isso fica claro, no *Texto 4* relaciona o preconceito racial à falta de educação das pessoas para conviver com uma pessoa negra. A opinião do aluno é que, para acabar com o preconceito, deve haver “um pouco mais de ética para as pessoas aceitarem que eles são iguais a nós”, sendo esse “nós”, o referente branco que deve aprender a conviver com a pessoa negra.

Podemos perceber esse mesmo referente branco no *Texto 5*, quando afirma que o racismo é um “problema social comum no mundo todo, pela sociedade acabar julgando os outros pelo simples fato de serem “diferentes”, diferença, esta, em relação a raça branca. Essa afirmação se confirma quando ele encerra propondo a conscientização da população “para aceitar que os negros “são uma parte importante para a cultura do nosso país” e que “eles não são diferentes de nós”, sendo esse “nós”, também, um referente da raça branca.

No *Texto 10*, o aluno refere-se ao estereótipo criado para as crianças que “ser negro é algo ruim” e afirma que “a população hoje em dia tem mais “compaixão” pelo negro do que antigamente, quando faz um comparativo com o governo de Hitler que era “muito cruel com pessoas negras e judeus”. O termo “compaixão” aqui é entendido, dentro do contexto apresentado, como a mudança da postura opressora – e agressora da raça branca, em relação ao passado histórico de escravidão para a atualidade e o respeito aos direitos humanos – especialmente quando, o autor encerra o texto afirmando que “o mundo precisa entender que todos somos iguais, e que, assim como o tamanho não é documento, cor também não é”.

Já o *Texto 25* conclui que casos de racismo são percebidos em nossa cultura e que os casos de racismo se devem pelo fato das pessoas serem diferentes umas das outras. O aluno também discorre que é necessário

combatermos o preconceito pois “as pessoas negras não podem ser julgadas por sua cor e sim por sua capacidade e competência, que independe da cor.

Segundo o autor, “essas pessoas” pensam, agem e fazem coisas iguais, independentes da sua raça, o que mostra, em uma análise crítica, um distanciamento do autor em relação a “essas pessoas” que não pertencem à sua raça. Enquanto isso, o *Texto 26* questiona a persistência do racismo no Brasil, quando apresenta os dados do Censo 2010 e diz que “a população de pretos e pardos cresce cada vez mais”, fazendo uma relação com a cor preta e não à raça negra.

Em outro momento, o aluno não faz a correlação do negro com a cultura, quando diz que são responsáveis por comidas como o acarajé e lutas como capoeira e não explica de que maneira são responsáveis por isto, apesar de ponderar que “temos de parar de falar ‘são como nós’ e começar a colocar na cabeça ‘somos como eles’”, apresentando uma ideia de colocar-se no lugar do sujeito negro.

Por fim, encontramos no *Texto 7*, mais uma referência que demonstra o sujeito da raça branca, produtor do texto, quando discorre sobre o preconceito contra negros no Brasil e afirma que deveria se conscientizar que a mistura de raças “é parte da nossa história e cultura” e que deveríamos “aceitar as pessoas do jeito que elas são e não praticar nenhum tipo de preconceito pelo fato delas serem diferentes”, em que esse “jeito que elas são” é em relação à diferença da raça branca.

Outras duas situações relevantes, abordada pelos alunos, são os *Texto 12* e *Texto 30*, em que o primeiro faz uma relação do preconceito com aspectos biológicos e clima, em que pessoas que vivem em lugares com maior incidência de sol, são mais “morenas”, enquanto as que vivem em lugares com menor incidência são mais “brancas”, fator que não é determinante, se consideramos que no Brasil, há incidência de sol e ainda assim, há uma considerável parcela branca da população. O outro texto critica a política de cotas nas universidades/faculdades e afirma que esta política desprivilegia o conhecimento, ao considerar a cor e que deveria ser a política apenas para que não tivesse recursos financeiros para tal. O aluno demonstra desconhecimento

de outras políticas como o Enem, o PAS e o Prouni, que oferece oportunidades para alunos dentro do argumento levantado por ele.

Em aspectos gerais, os textos fazem correlação do preconceito como algo “atual”, ao utilizar termos como “hoje em dia”, “atualmente”, “na atualidade”, o que deixa perceptível que não são todos os alunos que tem uma visão do preconceito como algo que persiste, pois já existe desde o início da história do nosso país, desde a colonização. Outro fator relevante em alguns textos é a afirmação que a falta de investimento na educação é um fator perpetuador da persistência do racismo em nossa sociedade; quando o sujeito recebe, no ambiente escolar momentos para um debate e atividades que proporcione o diálogo sobre a cultura, história e a formação da sociedade brasileira, este sujeito poderá refletir sobre as ações que acontecem no dia a dia e combater as possíveis situações de preconceito que aconteçam ao seu redor.

Os textos produzidos pelos alunos também abordam a miscigenação de raças e culturas na formação de nossa identidade brasileira; a variedade de raças e etnias na composição de nossa cultura; o preconceito racial contra albinos, em que ficou claro, em todos os textos que abordaram o tema, que são reconhecidos como uma outra raça – não branca -; a percepção da importância das campanhas políticas e governamentais que promovam o combate ao racismo; o papel da mídia, negativo ao apresentar o padrão branco como referencial de beleza e positivo, ao divulgar casos de preconceito racial – de famosos e anônimos – e pelas campanhas veiculadas por essas mídias proporcionam a divulgação em massa sobre o tema; atitudes como xingamentos, brincadeiras de mau gosto, agressões e violência como atitudes deploráveis e perpetuadoras do preconceito racial; a importância da educação e formação familiar que entenda as diferenças com algo natural e parte de nossa cultura; as oportunidades no mercado de trabalho que ainda persistem em desenvolver processos seletivos que não analisam apenas a competência do candidato, entre outras abordagens.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das produções de texto dos alunos, pude perceber que já existe um resultado positivo, proveniente da formação integral durante todo o período do Ensino Fundamental, quanto a conscientização dos alunos, no final do 2º ciclo de formação da Educação Básica, sobre a persistência do preconceito racial em nossa sociedade, bem como o entendimento de que o preconceito atinge, majoritariamente, a raça negra, mas que este também ocorre com outras raças, em uma menor proporção.

As análises mostraram também, que os argumentos utilizados pelos alunos, incluem, também, um entendimento global do preconceito, que podem, segundo eles, ser percebidos de maneira menos dissimulada em outros países como os Estados Unidos. Outro fator importante é a identificação do sujeito-aluno da raça branca, quando se refere ao racismo e ao preconceito, sofrido pelos negros, como “o outro”, “eles não são diferentes de nós”, “eles são iguais a nós”, “eles pensam, agem e fazem coisas igual a nós”, o que alerta sobre a importância de ser trabalhado no dia a dia escolar sobre a questão de identidade e raça, para que essa dicotomia seja compreendida no discurso do aluno e não se torne, em outro momento, um desvio para justificar as práticas de preconceito no ambiente escolar, como as piadas e brincadeiras preconceituosas que geraram essa investigação.

Além dos apontamentos, os alunos apresentaram propostas para o combate ao preconceito racial como o investimento em educação; a conscientização da população; a construção de um mundo de igualdade e respeito; a mobilização da sociedade para mudança na forma de pensar o preconceito racial; a educação como fator transformador de opinião; o combate ao racismo através da mídia. Nos textos, também, foram encontradas palavras-chave relacionadas ao preconceito racial como *inferioridade*, *diferente*, *antiquado*, *arcaico*, *discriminação*, *estereótipo*, *agressão*, *arrogância*, *superioridade*, *retrocesso*, *violência*, *escravidão*, *egoísmo*.

Sabemos que o direito a educação é fruto do processo democrático. Mais que isso, é uma garantia prevista por lei, pela constituição e pela Lei de

Diretrizes e Bases da Educação. Mas como qualquer brasileiro, entendemos que o universo legislativo não caminha necessariamente em consonância com a garantia de aplicabilidade, tampouco das punições previstas nos casos de não cumprimento dos direitos garantidos pelos cidadãos, especialmente quando não lutamos pelos direitos adquiridos através de lutas e reivindicações dos cidadãos e grupos junto ao estado.

Por isso é importante que na escola seja inserido, de forma transversal, o debate sobre os direitos humanos, o preconceito, racial e em outras vertentes e atividades que proporcionem uma reflexão da relação entre o eu e o outro, especialmente na convivência e respeito com as diferenças –e conflitos - que surgem dessa relação. Segundo Pulino (2014),

é a partir dessa abertura do humano para o outro que se instauram suas possibilidades de ações no mundo, de produção da linguagem, de comunicação, de sentimentos, pensamentos, desenvolvimento mútuo, enfim, de educação. A educação consiste nesse processo que propicia o encontro com o outro, com o mundo e consigo mesmo.

O preconceito, racial ou não, acontece quando quem define o que é “diferente” é o sujeito que se apoia no suposto ideário criando pela maioria branca que coloca as minorias à margem da sociedade para a preservação do conceito e valores deste grupo dominante. A partir do processo de globalização, que visa impor a classificação dos comportamentos, corpos, homogeneização das pessoas e das culturas, que desconsidera a diversidade cultural de quem não se encaixa nessa lógica heteronormativa-europeia-branca-cristã, da maioria dominante política-cultural, que acaba por causar retaliações, dentro de um contexto histórico, a quem não se encaixa ou identifica com este padrão.

Ainda que a escola seja o espaço social onde a diversidade cultural se apresente de forma mais heterogênea, o processo de reflexão, a partir de ações sociais pela ótica da sociedade contemporânea, encontra entraves políticos, sociais, étnicos, sexuais e religiosos quando se é necessário o acolhimento da diversidade além dos padrões estabelecidos como ideais. Como a escola é responsável pela sistematização do saber histórico, deveria ser também o lugar onde esses saberes já construídos pudessem ser reavaliados, resinificados e reinterpretados para nossa sociedade cada vez

mais plural e diversa. Porém, o que percebemos é justamente o contrário, os saberes, especialmente nas instituições mais tradicionais, continuam sendo postos ao nível de conteúdo e não encontram ações pedagógicas em prol da educação igualitária, nem o espaço aberto para o fazer pedagógico plural.

A questão racial no Brasil ainda acarreta uma carga negativa pela nossa herança histórica do negro escravizado, o que produz uma refutação da identidade negra, mesmo entre grupos alunos negros ou pardos. A lei 10.639/2003, que promoveu alterações na LDB/96 para a inclusão no currículo da rede oficial de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e cultura Afro-brasileira” tem como objetivo o resgate da nossa própria história, enquanto nação brasileira, em que as matrizes culturais não apenas do negro, mas do índio, do branco, também fazem parte da nossa identidade cultural. A proposta é que possamos combater o preconceito e ressignificarmos os valores da origem étnica, das práticas culturais e religiosas e da identificação da herança cultural que recebemos do negro africano em nossa cultura de maneira positiva.

No caso da escola ALFA, um dos fatores que deve ser considerado quanto às atividades é ter percebido que o projeto político-pedagógico, está em consonância com as normas emitidas pelo MEC e regulamentadas pela Secretaria de Educação do Distrito Federal para que se atenda às metas nacionais e distritais. Contudo, na prática só possui o Conselho de Classe como órgão colegiado e a direção da unidade escolar, diferente da maioria das escolas públicas que possuem Assembleia Geral Escolar e o Conselho Escolar, que poderiam, na prática, colaborar no desenvolvimento das ações escolares para a promoção de atividades voltadas aos direitos humanos.

Como exemplo, no dia 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, a comemoração já passou despercebida, sem nenhuma atividade na escola, tanto cultural quanto de debate realizada pelo/para alunos em todos os segmentos escolares. Fora o livro didático, que inspirou a criação do Projeto Varal da Palavra, a feira do conhecimento da escola não direcionou nenhum um trabalho específico que abordasse o Dia da Consciência Negra e a História da Cultura Afro-Brasileira, de acordo com a alteração da LDB 9.394/96 pela lei 10.639/2003, o demonstra um desconsonância com o objetivo proposto pela lei.

Ainda sobre os resultados apresentados nas produções de texto, atividades e debates na escola podem diminuir a a noção de “visão aldeã”, apresentada Boaventura de Sousa Santos (2009), apud Pulino (2014) no módulo 1 do curso sobre Diversidade e Ambiente escolar, cujo exto afirma que

Pelas reflexões do autor, vemos que o próprio colonizador, branco, “desenvolvido”, tem sido aldeão, também. Ele julga que a sua é “a” verdade única e legítima; que a sua é “a” cor da pele mais aceitável, mais bela; que a sua é “a” sexualidade e o seu, “o” gênero mais importante e dominante; que a sua é “a” forma de vida mais correta e justa; que a sua é “a” língua mais universal, que traduz melhor o poder vigente e os feitos científicos,

o que é uma excelente representação de alguns ambientes escolares. Em algumas instituições, especialmente as confessionais, o debate de temas como sexualidade e gênero e raça pode se tornar uma dificuldade quando refletimos a diferença a partir do contexto religioso. A partir do momento em que se propõe a ampliação dos pensares, quando este se contrapõe ao tradicional, sentimos uma barreira que se levanta frente as proposições de diálogo de outras perspectivas ao que está posto como padrão, especialmente na abordagem sobre a diversidade sexual.

O professor, a partir desse ponto de vista, deveria proporcionar momentos de reflexão e debate para aceitação do diferente de forma ética, relacionando a diversidade com a singularidade dos sujeitos e as diferenças do ser humano, sem que isso tenda ao relativismo. Este profissional tem o direito de se posicionar a favor ou contra a questões que perpetuem atos de exclusão e preconceito, desde que se criem dispositivos e estratégias para o acolhimento do diferente com respeito, humanidade e cidadania - concordando ou não com as escolhas do outro, o eu, também sujeito, preciso respeitar outros valores e viveres diferentes do meu, em busca da promoção de uma cultura de paz.

Para iniciar o meu posicionamento, a afirmação de Jares (2002) apud Pulino (2014) que diz que “a perspectiva de promover a” paz; de fazer o bem; de reconhecer e respeitar os direitos de todos; de promover o desenvolvimento pessoal, econômico e social e; de buscar e incentivar a participação democrática em diferentes níveis sociais, lembrando que “direitos humanos e democracia são dois conceitos que se requerem mutuamente”

Na escola, percebo como fundamental as atividades e debates feitos em sala de aula para a Cultura de Paz, que, inicialmente, tem uma limitação básica e imediata de apenas combater a promoção da guerra, mas ampliarmos as reflexões e do ponto de vista de que esta cultura engloba a todos nós, os nossos direitos e deveres na sociedade para que assim se repudie todas as formas de violência, especialmente a social, como a fome, a miséria, a desigualdade, a agressão às expressões artísticas, étnicas, religiosas, da sexualidade e assim por diante.

Das experiências que tenho como docente, observo que há mais resultados nas atividades de promoção da cultura de paz quando se envolve as expressões culturais após os debates em sala de aula. É importante que seja dado voz às expressões dos alunos, como nas produções de cartazes, peças, ações sociais na comunidade e fora dela para que se concretize, em ações, a prática do respeito a todos os direitos humanos, objetivo mais importante da cultura de paz. A partir do momento em que se respeita a si mesmo e ao outro, os valores, atitudes, tradições, comportamentos e estilos de vida passam a ser mais facilmente compreendido e acolhido e, conseqüentemente diminui-se o conflito nas interações sociais, no preconceito racial e as outras formas de preconceito, em busca de uma sociedade mais tolerante e aberta ao diálogo e ao respeito das diferenças.

Desta maneira, poderá ser desenvolvido na escola um projeto multidisciplinar, em que uma atividade cultural, como uma feira ou mostra do conhecimento, proporcione a pesquisa sobre a história da cultura brasileira em relação a contribuição da cultura negra, com apresentações de dança, arte, culinária e outras abordagens que mostrem aos alunos as contribuições importantes da raça negra para nossa identidade brasileira. Outra proposta importante é o desenvolvimento de um projeto para celebrar o Dia da Consciência Negra na escola, e assim, não se perca uma outra oportunidade nesta escola de abordarmos questões, ligadas aos Direitos Humanos, que possam ampliar as visões e análises de futuras produções de texto dos alunos acerca do racismo e preconceito racial.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Alci Marcus Ribeiro. Direitos humanos: conceitos e preconceitos. Disponível em: <  
[http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/alciborges/alc\\_dh\\_conceitos\\_preconceitos.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/alciborges/alc_dh_conceitos_preconceitos.pdf)>. Acesso em 18 de novembro de 2015.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEMO, Pedro. Pesquisa e construção de conhecimento. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 25 de novembro de 2015.

Lei 10.639/2003. Obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em 01 de dezembro de 2015.

LESSA, Batista. 2012. OS PCN EM MATERIAIS DIDÁTICOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES. Disponível em:  
<<http://www.ufjf.br/ppge/files/2012/05/Tese-Paula-Batista-Lessa1.pdf>>. Acesso em 10 de novembro de 2015.

MUNANGA, Kabengele. Superando o Racismo na Escola. Disponível em: <  
[http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo\\_escola.pdf](http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/racismo_escola.pdf)>. Acesso em 03 de dezembro de 2015.

NEGRÃO, Esmeralda V. Preconceitos e discriminações sociais em livros didáticos e Infanto Juvenis. Disponível em:  
<<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/756.pdf>>. Acesso em 22 de novembro de 2015.

NASCIMENTO, Antonia Eunice de Jesus do. Educação e preconceito racial no Brasil: discriminação no ambiente escolar. Disponível em:  
<<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/EDUCACAO-E-PRECONCEITO-RACIAL-NO-BRASIL-DISCRIMINACAO-NO-AMBIENTE-ESCOLAR.pdf>>. Acesso em: 02 de dezembro de 2015.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Exercícios para se pensar a educação e a escola. Disponível em:  
[http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod\\_folder/content/0/M%C3%B3dulo%201/Texto%20M%C3%B3dulo%201%20-](http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod_folder/content/0/M%C3%B3dulo%201/Texto%20M%C3%B3dulo%201%20-)

Se% C3%A7% C3%A3o% 201% 20Exerc% C3%ADcios% 20para% 20se% 20pens  
ar% 20a% 20educa% C3%A7% C3%A3o% 20e% 20a% 20escola-  
Se% C3%A7% C3%A3o1.pdf?forcedownload=1. Acesso em 01 de dezembro de  
2015.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto . Ambiente Escolar - construção  
democrática, direito à aprendizagem e à cultura. Disponível em:  
[http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod\\_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/M% C3%B3dulo% 20I% 20-% 20Se% C3%A7% C3%A3o% 202-Diversidade% 20cultural% 2C% 20singularidade% 20e% 20processos% 20de% 20desenvolvimento% 20e% 20aprendizagem.pdf?forcedownload=1](http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/M% C3%B3dulo% 20I% 20-% 20Se% C3%A7% C3%A3o% 202-Diversidade% 20cultural% 2C% 20singularidade% 20e% 20processos% 20de% 20desenvolvimento% 20e% 20aprendizagem.pdf?forcedownload=1). Acesso em 06  
de dezembro de 2015.

PULINO, Lúcia Helena Cavasin Zabotto. Diversidade Cultural e Ambiente  
Escolar. Disponível em:  
<[http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod\\_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/M% C3%B3dulo% 20I% 20-% 20Se% C3%A7% C3%A3o% 202-Diversidade% 20cultural% 2C% 20singularidade% 20e% 20processos% 20de% 20desenvolvimento% 20e% 20aprendizagem.pdf?forcedownload=1](http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/M% C3%B3dulo% 20I% 20-% 20Se% C3%A7% C3%A3o% 202-Diversidade% 20cultural% 2C% 20singularidade% 20e% 20processos% 20de% 20desenvolvimento% 20e% 20aprendizagem.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em  
27 de novembro de 2015.

Parâmetros Curriculares Nacionais. Disponível em: <  
<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>>. Acesso em 28 de  
novembro de 2015.

ROCHA, Everardo. E. O que é Etnocentrismo. Disponível em: <  
<http://sites.usjt.br/leonarde/oqueeeetnocentrismo.pdf>>. Acesso em 07 de  
dezembro de 2015.

SANTOS, Boaventura de Santos. As vozes do mundo. Módulo 1 - Diversidade  
Cultural e Ambiente Escolar. Seção 3: Ambiente Escolar. Construção  
democrática, direito à aprendizagem. Disponível em: <  
[http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod\\_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/Texto% 20M% C3%B3dulo% 20I-Se% C3%A7% C3%A3o% 203-Ambiente% 20Escolar% 20-% 20constru% C3%A7% C3%A3o% 20democr% C3%A1tica% 2C% 20direito% 20e% 20C3%A0% 20aprendizagem% 20e% 20C3%A0% 20cultura.pdf?forcedownload=1](http://aprender.ead.unb.br/pluginfile.php/149719/mod_folder/content/0/M% C3%B3dulo% 201/Texto% 20M% C3%B3dulo% 20I-Se% C3%A7% C3%A3o% 203-Ambiente% 20Escolar% 20-% 20constru% C3%A7% C3%A3o% 20democr% C3%A1tica% 2C% 20direito% 20e% 20C3%A0% 20aprendizagem% 20e% 20C3%A0% 20cultura.pdf?forcedownload=1)>. Acesso em 09 de dezembro de 2015.

UNESCO, Declaração sobre a raça e os preconceitos raciais. Disponível em:  
<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/UNESCO-Organiza% C3%A7% C3%A3o-das-Na% C3%A7% C3%B5es-Unidas-para-a-Educa% C3%A7% C3%A3o-Ci% C3%AAncia-e-Cultura/declaracao-sobre-a-raca-e-os-preconceitos-raciais.html>>. Acesso em 05 de dezembro de 2015.

## AGORA É A SUA VEZ ►

Você acha que, no Brasil, existe preconceito racial? Se sim, acha que ele é assumido ou enrustido? Leia, a seguir, o painel de textos sobre o assunto para colher informações. Depois escreva um texto dissertativo-argumentativo a partir do seguinte tema: **Brasil: um país sem preconceito?**

Daniel Alves participou de dois gols do Barcelona na vitória sobre o Villarreal por 3 a 2 neste domingo. No entanto, o que mais chamou a atenção na atuação do brasileiro foi a maneira com que o lateral-direito lidou com uma manifestação racista. Aos 35 minutos do segundo tempo, torcedores jogaram uma banana dentro de campo quando o jogador ia cobrar um escanteio. Sem se abalar, Daniel pegou a fruta e comeu, como forma de protesto. [...]

[...]

Dani Alves recebeu diversas mensagens de apoio, incluindo uma publicação de Neymar dando força ao amigo de clube e de seleção brasileira.

[...]

(Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-espanhol/noticia/2014/04/dani-alves-desabafa-apos-ironizar-racismo-temos-que-rir-desses-retardados.html>. Acesso em: 17/6/2014.)

### Somos todos racistas. E a banana do Daniel Alves não muda isso

A campanha publicitária antirracista iniciada por Daniel Alves e Neymar tem lá seus méritos por disseminar uma discussão sobre o assunto. Mas será que ela ataca o ponto principal? Será que vai servir para ao menos reduzir a discriminação no futebol?

[...]

Obviamente que não. A estrutura do futebol é racista. E ela é racista porque nós, homens, que a construímos, somos racistas. [...]

Olhe por exemplo para o presidente da Fifa, Joseph Blatter. Branco e suíço. Seus antecessores sempre foram brancos das elites de seus países [...]. Negros só ocuparam posições laterais no poder. [...]

Observe agora a América do Sul, a Conmebol (Confederação Sul-Americana de Futebol). A foto de seu núcleo de poder só mostra brancos no centro. [...]

Chegamos ao Brasil, à CBF. Todos os presidentes da confederação até hoje foram brancos. [...]

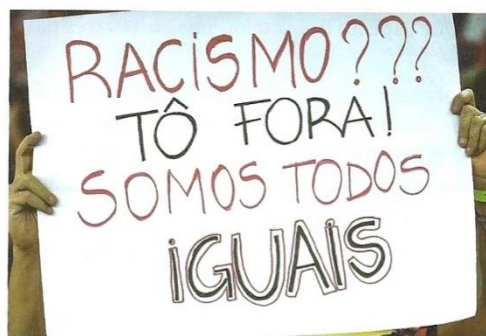
Agora, pegue uma foto do presidente do seu clube. Se olharmos para as imagens dos presidentes dos 12 grandes times nacionais, no máximo, você verá o moreno Roberto Dinamite. [...]

[...]

Vamos aos bancos de reservas. Nos grandes times nacionais, há dois técnicos negros [...].

[...]

E não há negros no futebol? Ora, o futebol brasileiro foi formado em cima da capacidade técnica de jogadores mulatos, pretos, índios, mestiços em geral. [...] E nenhum deles teve



Yasuyoshi Chiba/AFP Photo

capacidade de ascender a cargos importantes após o final de sua carreira? Ou o caminho estava barrado por uma estrutura arcaica e racista?

Qual o quadro então que vê um torcedor destes desprovidos de inteligência, com banana na mão? Um futebol dirigido e dominado por brancos no qual os negros e mestiços podem atuar como bem-pagos artistas de espetáculos. Na visão distorcida dele, aquele ali é um macaco de exibição com quem ele pode fazer o que quiser, até taca bananas.

[...]

Quando linchamos o racista no estádio, tentamos esconder o que também está em nós, ainda que escondido. Porque fomos nós que construímos essa estrutura discriminatória do futebol mundial, como reflexo do que fazemos na sociedade inteira. E, por mais que nos esforcemos por mudanças, continuaremos a ser racistas por longo tempo, de barrigas cheias de bananas ou não.

(Disponível em: <http://rodrigomattos.blogosfera.uol.com.br/2014/04/29/somos-todos-racistas-e-a-banana-do-daniel-alves-nao-muda-isso/>. Acesso em: 18/6/2014.)

NÃO EXISTE NADA MAIS  
**PERIGOSO**  
NO BRASIL DO QUE SER UM  
**JOVEM NEGRO**  
DOS 52.198 MORTOS POR  
HOMICÍDIO EM 2011 NO PAÍS  
MAIS DA METADE ERAM JOVENS  
**71,5% ERAM NEGROS**  
**93% ERAM HOMENS**

**A COR DA PELE**  
É O PRINCIPAL MOTIVO DE  
SUSPEIÇÃO POLICIAL  
**65% DOS**  
**POLICIAIS**  
ENTREVISTADOS ADMITIRAM QUE  
**PRETOS E PARDOS**  
SÃO PRIORIZADOS NAS ABORDAGENS

PARA **55,8%**  
**DA POPULAÇÃO**  
A MORTE DE UM JOVEM NEGRO  
**CHOCA MENOS**  
DO QUE A MORTE DE UM JOVEM BRANCO

(Disponível em: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/231/especial/ser-um-jovem-negro.html>. Acesso em: 18/6/2014.)

## Adolescentes contra o racismo — Depoimento de Gabrielle dos Santos Oliveira

Bom dia a todos! Sou Gabrielle, tenho 15 anos, venho do município de Valente, faço parte do Comitê Estadual da Bahia e sou membro da equipe Pró Selo do meu município, juntamente com outros adolescentes, participando de discussões e buscando ações de melhorias para qualidade de vida de nossas crianças e adolescentes.

O que eu acho do racismo: Eu sou negra e já fui vítima desse preconceito. Sei como isso afeta psicologicamente as pessoas, fazendo com que elas se sintam inferiores a outras pessoas, o que não é certo e nem é verdade.



Uma das coisas que o País pode fazer para acabar com o racismo, por exemplo, é iniciar uma mudança na educação — porque ela é a base de tudo —, buscando valorizar a história do povo africano que foi um povo que influenciou muito em nossa cultura, pois na escola nós só aprendemos, na maioria das vezes, que os negros vieram ao Brasil como escravos. Não nos falam que de lá vieram muitas rainhas e que aqui elas foram transformadas em escravas.

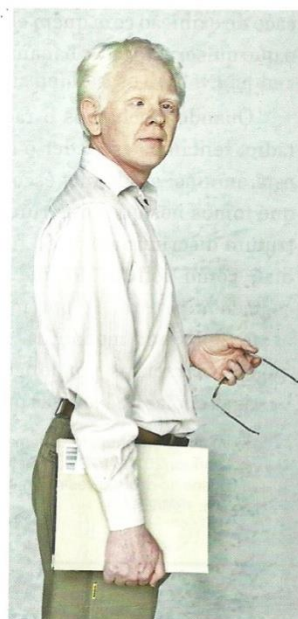
Portanto, a mensagem que deixo a vocês aqui hoje é: Não se pode julgar uma pessoa pela cor da sua pele, afinal o que realmente importa é o que cada um traz dentro de si.

(Disponível em: [http://www.unicef.org/brazil/pt/multimedia\\_19597.htm](http://www.unicef.org/brazil/pt/multimedia_19597.htm). Acesso em: 18/6/2014.)

Quando nasci em São Paulo, tinha tudo para que minha vida desse errado. Sou albino. Isso já acarreta uma série de problemas, como não poder tomar sol ou ter visão prejudicada. Tenho 10% de visão no olho direito e 15% no esquerdo. Além dessas inconveniências físicas, havia também os problemas econômicos. Minha mãe era empregada doméstica, e meu pai, feirante. Tínhamos poucos recursos. Quando nasci, eles ficaram assustados. Já tinham perdido um filho com albinismo, com sérios problemas cardíacos.

Passado o susto, minha família sempre me aceitou e deu apoio. Fora de casa, era diferente. As pessoas me apontavam na rua, debochavam. Fui chamado de vovô, rato branco, até mesmo de marciano — e olha que nem sou verde. Nunca quis me esconder em casa. Desenvolvi uma série de estratégias. À medida que as pessoas me zoavam, fui percebendo que elas me colocavam no centro das atenções. Na adolescência, decidi que ocuparia essa posição por conta própria. Fiz teatro amador, estudei inglês e me dediquei aos estudos. Com o incentivo de professores, fiz mestrado e doutorado em dramaturgia americana na USP — e virei professor.

(Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Vida-util/noticia/2013/03/roberto-rillo-biscaro-vence-preconceitos-e-virei-defensor-dos-albinos.html>. Acesso em: 18/6/2014.)



Guatavo Lucinda

### Planejamento do texto

- Anote os melhores argumentos que encontrou nos textos lidos e que possam ser úteis para fundamentar o ponto de vista que você irá desenvolver. Depois anote argumentos próprios que expressem sua opinião sobre o tema.
- Organize o texto em parágrafos. Você pode apresentar a ideia principal (a tese) de seu texto logo no primeiro ou no segundo parágrafo e, nos parágrafos seguintes, expor argumentos que possam fundamentá-la. Reserve um parágrafo para a conclusão.
- Busque uma linguagem objetiva, tendendo à impessoalidade e de acordo com a norma-padrão.
- Tenha em vista o perfil do interlocutor. O texto deverá ser exposto no mural da classe e, portanto, lido por seus colegas.
- Dê ao texto um título que desperte o interesse do leitor.

#### ANEXO IV – Produções de Texto (íntegra)

Somos negros, brancos, pardos, mulatos, somos Brasil,  
o país da miscigenação de raças e de culturas, então  
porque alguns ainda insistem em protagonizar atos  
de ~~inf~~ injúria e de retrocesso?

Além da diversidade, o Brasil é também o país  
do futebol, esporte conhecido em cada canto do mun-  
do, talvez por isso as mágoas do pernamuto e das  
atitudes do ser humano tenham se transferido para  
o futebol. ~~e não~~ E quem mais sofre não os jogadores, co-  
mo o brasileiro Daniel (jogador do Barcelona-ESP)  
que teve uma banana atirada contra ele durante  
um jogo, um ato que desmascarou no atleta a cal-  
ma e o bom humor de apenas comer o alimento.

Certas atitudes neste mundo atual nos fazem  
pensar, e realmente, o racismo é o maior  
deplorável dos preconceitos, pois atinge não só  
o psicológico sobre a aparência, mas vai direta-  
mente nas raízes de quem sofre a injúria.

Poucos então de apenas falar palavras va-  
gias sobre o racismo, e vamos realmente nos mo-  
bilizar sobre o assunto e acabar com esse "costu-  
me" desprezível de certas pessoas.

Figura 1. Texto 1

No Brasil, temos uma grande variedade de raças e  
etnias graças a mistura de povos do mundo todo em  
sua colonização. Mas, infelizmente, alguns desses  
povos, principalmente os negros, sofrem preconceito  
e discriminação pelas suas raças.

Porém não são só os afrodescendentes que sofrem com  
esse tipo de agressão. Um homem <sup>que</sup> nasceu com albinismo  
e com problemas de visão diz ser vítima e alvo de  
piadas e brincadeiras por causa de sua raça, sobre-  
tudo, lutou contra o preconceito e virou professor.

A população brasileira e do mundo deve inves-  
tir em educação em educação e conscientização da  
população para acabar com esse pensamento e cons-  
truir um mundo de igualdade e respeito com todos.

Figura 2 - Texto 2

O Brasil é um país laico (onde não existe uma religião oficial) e também é formado por várias etnias. A partir da sua colonização, vieram ao Brasil uma grande variedade de destínias, como italianos, alemães, japoneses e africanos, além dos indígenas que aqui já habitavam. Com esses imigrantes, também vieram suas culturas e religiões.

Por mais que o Brasil seja um país de grande miscigenação, infelizmente ocorre um grande preconceito em relação à cor, raça, religião, condição financeira, política e opção sexual. Entretanto, o preconceito vem diminuindo no Brasil, através de campanhas contra esse ato e da percepção por parte da população que o diferente não é ruim.

Atos de racismo, como o que ocorreu com o jogador Daniel Alves, ainda são comuns em muitos países do mundo. É necessário que nesses momentos se tenham respostas que tornem os insultos em apenas frases ridículas.

Figura 3 - Texto 3

Preconceito Racial?

O preconceito Racial ocorre em vários lugares de todo o mundo, isso é um ato que estamos tentando combater a alguns anos, mas mesmo assim hoje em dia há pessoas que não tem educação para conviver com uma pessoa negra.

Isso tudo aconteceu devido quando os Ingleses foram colonizar a africa encontraram pessoas fortes e inteligentes mas com a ganancia dos Ingleses, eles quiseram usar os africanos como escravos, assim com esse objetivo de fazelos escravos eles foram perdendo respeito das pessoas como se fossem animais.

Com tudo isso tem que acabar, se falta um pouco mais de ética para as pessoas aceitarem de que eles são iguais a nós.

Figura 4 - Texto 4

Atualmente no Brasil, existe um problema social que é muito comum no mundo todo, o racismo. Muitas vezes as pessoas na sociedade acabam julgando os outros pelo simples fato deles serem diferentes.

O racismo atinge os autistas, entretanto a maioria das vítimas desse preconceito, são os negros.

Um exemplo de um caso de racismo é o caso de Gabrielle, que tem 15 anos e mora na Bahia, e sofreu preconceito por ser negra. A jovem diz que esse preconceito a afetou psicologicamente por ela se sentir inferior aos demais e a faz acreditar que essa inferioridade era verdade.

Um meio de acabar com esse problema social, é conscientizar a população a aceitar que os negros são uma parte importante para a cultura do nosso país e que eles não são diferentes de nós.

Figura 5 - Texto 5

A pesar de não ser tão evidente quanto em outros países, como nos Estados Unidos, o preconceito racial ainda existe no Brasil. A desigualdade entre raças ocorre, mais visivelmente, contra negros e pardos, mas também há discriminação aos albinos e aos brancos. Mesmo que haja um apoio massivo do governo, com leis e políticas públicas, e da sociedade em geral, que combate o preconceito através de campanhas, situações como a que aconteceu com o lateral-direito brasileiro Daniel Alves - Durante uma partida de futebol, válida pelo campeonato espanhol, um torcedor atirou uma banana dentro do campo quando o jogador ia cobrar um escanteio, e a reação de Daniel foi de simplesmente comê-la - ainda não pouca os negros que ocupam cargos importantes e que conseguem uma carreira de sucesso, mesmo após se ingenuarem em uma fatuldade de renome.

De acordo com a revista *Tríp*, 71,5% das jovens mortas em 2011 no Brasil eram negras, e para 55,8% da população a morte de um adolescente negro é menos chocante do que a morte de um adolescente branco. A pesquisa apresenta claramente que o preconceito racial no Brasil atinge, majoritariamente, a população negra, o que justifica as ações sociais do governo, porém nada é capaz de justificar o racismo que perdura nos séculos de história do Brasil.

Figura 6 - Texto 6

No Brasil, existem diversas pessoas de diferentes grupos étnicos e que muitas vezes, sofrem algum tipo de preconceito, especialmente no caso dos negros.

Em depoimento, a jovem de 15 anos chamada Gabrielle relata que já foi vítima de preconceito por ser negra e diz que isso a afetou psicologicamente, além de fazer com que se sentisse inferior aos demais.

A população brasileira deve se conscientizar de que a mistura de raça é parte da nossa história e cultura, e por isso devemos aceitar as pessoas do jeito que elas são e não praticar nenhum tipo de preconceito, pelo fato delas serem diferentes. Isso deveria ser um hábito comum em nosso país.

Figura 7 - Texto 7

O RACISMO É UM PRECONCEITO QUE APENAS PROVOCA ATRASO E QUE, INFELIZMENTE, ESTÁ MAIS QUE PRESENTE NO ~~NOSSO~~ COTIDIANO. ELA ESTÁ EM TODOS OS LUGARES E CONTINUARÁ ESTANDO SE NÃO MUDARMOS ESSA VISÃO ANTIQUADRA E ARCAICA QUE HERDAMOS DO COMEÇO DE NOSSA COLONIZAÇÃO.

SE MUDAR O PONTO DE VISTA DE ALGUÉM JÁ É UM DESAFIO IMAGINA MUDAR UMA OPINIÃO JÁ ENRAIZADA NUMA SOCIEDADE INTEIRA E QUE CONTINUA SENDO DITADA PARA AS NOVAS GERAÇÕES.

APÓS ESSA PEQUENA ANÁLISE ME PARECE TER APENAS UMA SOLUÇÃO: UMA MOBILIZAÇÃO DE TODA ESSA SOCIEDADE EM FAVOR DA MUDANÇA DESSA FORMA DE PENSAR. MESMO ASSIM ESSA MUDANÇA ME PARECE IMPROVÁVEL, MAS NÃO IMPOSSÍVEL, QUE APENAS O TEMPO E O SENSO DE IGUALDADE TRARÁ

Figura 8 - Texto 8

## O preconceito

O preconceito é um assunto que precisa-se pensar e pensar. Muitos jovens ou até mesmo crianças, já aprendem em casa que ser negro é uma coisa ruim (com estereótipos muito errados). Há uma impopularidade de um policial nos Estados Unidos que atirou em um negro pelo simples fato dele estar em um carro com umas amigas brancas.

Hoje em dia, a população incita melhor sua convivência com negros do que antigamente, um belo exemplo disso foi o governo de Hitler, ele era muito cruel com pessoas negras e com judeus. Atualmente, não vemos isso ocorrer com tanta frequência.

Precisa-se lembrar que o preconceito não ocorre somente com negros, ocorre com qualquer <sup>etnia</sup> ~~raça~~ humana, a despeito de acontecer mais com negros e albinos. O mundo precisa entender que todos são iguais e que assim como kamabê não é documentar, ele também não é.

Figura 9 - Texto 9

O racismo muitas vezes é relacionado à pessoa de pele negra, mas na verdade ele pode ocorrer com qualquer raça. Tanto os negros como os brancos, pardos, morenos ou albinos podem ser vítimas desse preconceito.

Hoje em dia existem alguns projetos sociais com o objetivo de combater o racismo, praticado na maioria das vezes contra negros. Porém sem a educação desde a infância, dificilmente as pessoas mudarão sua opinião a respeito.

Portanto se não for dada a atenção ao assunto num geral e não houver a conscientização das novas gerações enquanto jovens, as pessoas não entenderão de que realmente se trata e poderão tirar falsas conclusões.

Figura 10 - Texto 10

As diferenças entre os etnias, por exemplo, Africanos e Europeus existem naturalmente na natureza, mas essas diferenças não vão o bastante para justificar atos racistas de superioridade. Cada pessoa tem seus traços e até mesmo a cor da pele influenciada pelo meio ambiente onde vive, por exemplo, quando a umidade do sol é maior, as pessoas tendem a ser mais morenos e quando é menor, os indivíduos são mais brancos.

O preconceito está presente em todos os lugares e contra todos os tipos de pessoas, não só contra os negros mas também contra os brancos albinos que é o caso de um homem nascido em SP, que enfrentou vários piados e xingamentos pelo fato de ser "diferente". Até mesmo no futebol, nos grandes times nacionais ocorre discriminação.

Todos os seres humanos são geneticamente similares, cujas as diferenças residem apenas na informação contida, sendo assim, invalida o sentimento de superioridade. É necessário a conscientização da população, porque somos todos iguais.

(conscientização)

Figura 11 - Texto 12

Confronto entre "Racismo"

Assim como no Brasil e no mundo inteiro, o racismo está presente em todos os lugares. O "racismo" é uma forma de "agressão verbal" que pode criticar, ofender e até mesmo chegar ao ponto de agredir fisicamente outros seres humanos. Geralmente, o racismo ocorre com a "raça negra" que são os descendentes de africanos por causa do seu histórico de dominação, escravidão, pobreza, etc.

Para diminuir o racismo no Brasil e no mundo, estão tendo uma série de acontecimentos contra o racismo, como o Daniel Alves, que pagou uma brancura jogada por um torcedor em um jogo, de forma que o mundo saiba que "negro não é macaco". Outro modo foi dito pela Gabrielle dos Santos, onde ela fala que é melhor conscientizar a população, mostrando a riqueza do povo africano e mostrando sua cultura.

O racismo ocorre também com albinos, porém a decisão de mudar é sua, e por isso, entendo o seu meio de acabar com o racismo.

Figura 12 - Texto 13

Quem diria que num mundo que já se-  
 larva tanto, que já aprendeu tanto, que já  
 viveu tanto, ainda passaria por problemas de  
 discriminação mesmo após tanto tempo.

Esse é um dos problemas que gera um  
 atraso na evolução da sociedade, que avança  
 em meios tecnológicos e industriais, mas retrocede ao  
 mesmo tempo quanto à convivência com o próximo. Há  
 pessoas com mais dezentos, adoram sua raça mais  
 pura, superior. Há também as pessoas que sofrem com  
 essa discriminação, mas que não se deixam abalar,  
 continuam suas vidas para atingir seus objetivos, e  
 muitos desses indivíduos acabam "dando um banho" na  
 gente que um dia duvidou dela por ser "mulher suja".

As pessoas que sofrem com a discriminação não se deixam  
 abalar, enquanto nada é feito, siga seu caminho,  
 afinal sempre haverá pessoas a apriar - mas não se  
 deixe abalar por isso. Não permita que

Figura 13 - Texto 14

O preconceito, principalmente o racial está presente em qualquer lugar,  
 e o Brasil não é uma exceção, mesmo possuindo uma grande variedade  
 de pessoas.

Mesmo que uma pessoa não seja preconceituosa ou não seja  
 um alvo dessa discriminação, todos tem conhecimento que o precon-  
 ceito existe por causa dos movimentos sociais contra o preconceito ou  
 pelo mídia que mostra esses acontecimentos discriminatórios.

Um exemplo de um acontecimento preconceituoso demonstrado  
 pelo mídia, foi o ato racista sobre Daniel Alves, jogador de futebol,  
 que no meio do jogo, recebeu uma banana e um grito racista de  
 um torcedor durante ele de "macaco", após isso o movi-  
 mento antirracista de Daniel e Neymar para acabar com o preconceito  
 no futebol.

O racismo é um preconceito que a cada dia é combatido pela sociedade,  
 mas que será difícil expurgar algo tão vil da sociedade.

Figura 14 - Texto 15

O preconceito é algo que está presente em qual  
quer lugar, e que acaba destruindo a vida  
de muitas pessoas e mesmo que haja mermin  
tos para combatê-lo dificilmente ele irá sumir  
da sociedade.

O preconceito, principalmente racial afeta até  
mesmo pessoas populares, como foi o caso do  
jogador de futebol Daniel Alves que no mês de  
uma partida recebeu uma banana e o compa  
raram com os macacos. Após esse fato, Daniel junto  
com o outro jogador de futebol Neymar criaram um  
movimento antirracista, que acabou ajudando muitas  
pessoas que sofria com o preconceito.

Figura 15 - Texto 16

Em cada dia que se passa, nos deparamos com situações muito complicadas  
em relação a etnia e cor de pele, porém o principal problema  
nos dias de hoje é o racismo.

Pode-se dizer que o racismo está sendo combatido globalmente  
por grandes autoridades e boa parte da população mundial,  
porém mesmo assim estão pessoas tendem a continuar do jeito  
são, racista; isto é um grande problema para a própria pessoa e as  
outras também, felizmente o racismo foi aceito como crime e  
infelizmente ainda prende cerca de 1 milhão de pessoas no mundo todo  
e 50 mil no Brasil por ano. Estudiosos no assunto fizeram uma pesquisa  
em nosso país e conferiram que dentre 50 mil mortos por homicídios  
29 mil eram brancos, 4% eram negros e 93% eram homens; além disso  
policiais confessaram que os negros e pobres não são mais abordados.

O racismo é um grande problema, mas se todos juntos combaterem  
já não é bastante para acabar com esse tipo de pessoa.

Figura 16 - Texto 17

O Brasil está enfrentando grandes problemas de discriminação racial, já não bastasse a crise nós ainda temos que lidar com pessoas arrogantes e ignorantes, que se acham superiores as outras pela sua raça.

Recentemente o jogador de futebol Daniel Alves foi alvo de racismo. Durante um de seus jogos um torcedor jogou uma banana no campo, com o objetivo de insultá-lo devido a sua cor de pele.

As vezes esse ato pode ser visto como uma brincadeira de mau gosto, mas na verdade representa um retrocesso para a sociedade. Essa situação tem que mudar, temos que reaver nosso compromisso com o próximo.

Figura 17 - Texto 18

Nos dias de hoje, o Brasil sofre de um grande problema. O racismo vem sendo combatido lentamente em nosso país e gráficos comprovam isso.

O principal motivo do racismo é a falta de investimento na educação brasileira, e com isso seu combate vem sendo muito lento. Felizmente foi um grande avanço esse ato se tornar crime mas mesmo assim 71% dos assassinados no Brasil são negros. E ainda por cima, os PMs brasileiros admitem que os negros são a Etnia mais abordada por eles.

Outra forma de racismo pouco conhecida mas muito problemática é a indiscriminação com os albinos. Muitas vezes a criança albina sofre bastante bullying nas escolas por serem diferentes que os outros, até mais que os negros.

O racismo vem sendo combatido nos poucos e por espero que passe a estar presente apenas nos livros de História e não entre nós!

Figura 18 - Texto 19

Racismo é o ato de demonstrar superioridade por meio de pensamentos ou atitudes que difamam outras raças humanas. Ele ocorre não somente com negros, mas também com índios, asiáticos, mulatos, albinos e até mesmo brancos, por parte de outras raças.

Mesmo o Brasil sendo um país misto, o racismo pode não ser tão evidente para alguns, mas ele nunca deixou de existir. Muitas vezes é imperceptível aos olhos do povo, porém causa um grande impacto em quem está sofrendo. Pode passar-se através de palavras, acingamentos ou simplesmente o fato de evitar o contato físico. A partir do momento em que o homem se torna preconceituoso e racista, ele perde o privilégio de reivindicar por direitos iguais a todos.

O racismo é a guerra de que desde tempos antigos o racismo nem nada protunde e que muitos reprovam com isso. Além disso, é possível perceber que alguns mais altamente não culpados por negar. Como por exemplo o presidente da FIFA que é branco e seus antecessores também eram.

Nem sempre existiram pessoas preconceituosas no mundo, mesmo em países desamarelhados. Aonde pura é que nenhum lugar está protegido do racismo e preconceito.

Figura 19 - Texto 20

Racismo é o ato de demonstrar superioridade por meio de pensamentos ou atitudes que difamam outras raças humanas. Ele ocorre não somente com negros, mas também com índios, asiáticos, mulatos, albinos e até mesmo brancos, por parte de outras raças.

Mesmo o Brasil sendo um país misto, o racismo pode não ser tão evidente para alguns, mas ele nunca deixou de existir. Muitas vezes é imperceptível aos olhos do povo, porém causa um grande impacto em quem está sofrendo. Pode passar-se através de palavras, acingamentos ou simplesmente o fato de evitar o contato físico. A partir do momento em que o homem se torna preconceituoso e racista, ele perde o privilégio de reivindicar por direitos iguais a todos.

O racismo é a guerra de que desde tempos antigos o racismo nem nada protunde e que muitos reprovam com isso. Além disso, é possível perceber que alguns mais altamente não culpados por negar. Como por exemplo o presidente da FIFA que é branco e seus antecessores também eram.

Nem sempre existiram pessoas preconceituosas no mundo, mesmo em países desamarelhados. Aonde pura é que nenhum lugar está protegido do racismo e preconceito.

Figura 20 - Texto 21

O preconceito existiu, existe e talvez sempre vá existir no mundo. E o Brasil não é exceção. O racismo, uma forma de preconceito, está presente desde os princípios do Brasil, com a escravidão de negros. E hoje em dia, embora a escravidão seja proibida, o racismo ainda atua em toda a sociedade brasileira.

Vários grupos sofrem com o preconceito, como os negros e os albinos. Segundo últimos desse preconceito, o racismo afeta os pessoas, que acabam se sentindo inferiores à outras. E isso piora a situação, pois os afetados podem realmente começar a acreditar que são mesmo inferiores.

Esse tipo de preconceito, ou melhor, todo tipo de preconceito somente mostra como as pessoas são estagnadas no tempo onde isso era normal. Somente mostra como as pessoas são egostas <sup>e ignorantes</sup> a ponto de se acharem melhores que outras. A única esperança para esse mundo é que o filósofo Bertrand Russel esteja certo e que a mudança seja mesmo inevitável e que assim o pensamento dos preconceituosos não mude, para que haja uma sociedade melhor.

Figura 21 - Texto 22

O Brasil é um país formado por diversas etnias, mas nem todas são respeitadas da forma como deveria ser.

No Brasil há muitos negros, mas por causa da sua tonalidade mais escura, sofrem preconceitos de diversas formas, como apelidos maldosos, discriminação por causa do seu tom de pele diferente e até mesmo violência.

Nosso país não é perfeito, mas podemos melhorá-lo. Devemos parar de julgar as pessoas pelo seu cor de pele e começar a levar em conta o que a pessoa tem no coração, afinal, somos todos humanos, e não será o simples fato de um cor diferente que mudará isso.

Figura 22 - Texto 23

Não é novidade para ninguém que o racismo<sup>1</sup> e o preconceito são problemas existentes no Brasil<sup>2</sup> e estão enraizados na cultura do país desde que ele foi descoberto pelos portugueses.<sup>3</sup>

Textos e estatísticas comprovam essa afirmação<sup>5</sup> mostrando fatos como a maior parte dos homicídios<sup>6</sup> em 2011 terem sido matados negros, pessoas não brancas são as primeiras suspeitas dos policiais e além disso, não ocupam quase nenhum cargo importante.<sup>7</sup>

Aí está uma hora de povo brasileiro perceber que a discriminação racial deve parar de ser incentivada pela sociedade racista na qual vivemos, pois isso continua afetando pessoas negras emocionalmente e fisicamente todos os dias, além de destruir a auto estima de crianças negras desde o berço.<sup>16</sup>

Figura 23 - Texto 24

Atualmente percebemos casos de racismo em nossa cultura. O que acaba criando esse racismo nas pessoas não por elas serem diferentes das outras, como no futebol, que sua estrutura é racista e também por as negros só ocuparem posições laterais no poder dentro do futebol.<sup>6</sup>

É necessário combatermos o preconceito pois as pessoas negras não podem ser julgadas por sua cor e sim por sua capacidade e competência que independe da cor. Essas pessoas pensam, agem e fazem coisas iguais independentemente da sua raça.<sup>12</sup>

Figura 24 - Texto 25

É difícil acreditar que ainda exista racismo no Brasil quando a população de pretos e pardos cresce cada vez mais. Em comparação ao censo feito em 2000 o percentual de pardos cresceu de 38,5% para 43,1% (82 milhões) em 2010. A proporção de pretos também subiu de 6,2% para 7,6% (15 milhões) no mesmo período.

Muitos jovens sabem com isso, um exemplo disso é a jovem Gabrielle dos Santos Oliveira de 15 anos que mora no município de Valente na Bahia. Ela escreveu um texto dando depoimento sobre o racismo e diz "que a mudança deve começar na escola, só ouvimos falar que os negros reinham como escravos, mas não dizem que reinham reinhas que foram escravizadas".

Os negros são responsáveis por comidas como acarajé e lutas como capoeira, temos que parar de falar "são como nós" e começar a calçar na calça "tamos como eles".

Figura 25 - Texto 26

Sabe-se que hoje aqui no Brasil já não há tanto preconceito racial mas se comparado com outros países, porém muitas pessoas ainda sabem com esse preconceito.

Os negros ainda são mal vistos na sociedade de todo o mundo, podendo até ser vistos como criminosos sem mesmo ter praticado algum crime. Uma pessoa que sofre com esse preconceito pode ser afetada psicologicamente.

O racismo não afeta apenas os negros, os albinos também sabem com alvura, como é o caso do senhor Roberto Rillo Biscaro, que nasceu com albinismo e sofreu com uma série de preconceitos e enfrentou sérios problemas de saúde, como problemas cardíacos. Ele hoje é professor na USP e é defensor dos albinos.

Pode-se observar que ainda há muitos preconceitos com diferenças raciais, mas é possível reverter esse problema investindo em educação, já que esta é a base de tudo.

Figura 26 - Texto 27

O preconceito no Brasil ainda existe de fato, mesmo sabendo que existem muitas campanhas sociais de apoio às vítimas do racismo. Como prova disso, temos o acontecimento com o jogador Daniel Alves, jogador do Barcelona, no qual jogaram uma banana em sua direção durante uma partida de futebol e, como forma de protesto, ele comeu a banana. Após esse fato, uma grande quantidade de fãs enviaram mensagens de apoio ao jogador. Porém, o preconceito não acontece apenas com negros, mas também com albinos, podendo citar o exemplo de Roberto Rillo, que foi debochado por sua deficiência na pele e na visão, apenas por ser albino.

Figura 27 - Texto 28

Observamos que, o racismo no Brasil afeta todas aquelas pessoas que se sentem incomodadas, inclusive no caso das pessoas albinas como o professor Gustavo Locerda que morava em SP tinha vários problemas de visão por causa dessa doença. Em 2014, o jogador Daniel Alves foi vítima de preconceito e por causa da cor da sua pele. Ele foi chamado de "macaco" e jogaram uma banana no campo durante o jogo. Na minha opinião, as pessoas devem respeitar as vítimas que sofrem atitudes racistas e devemos combater o preconceito na sociedade.

Figura 28 - Texto 29

O preconceito racial infelizmente ainda existe no Brasil. Ele ocorre de diversas maneiras e algumas delas a população nem percebe ou ignora.

Um dos tipos de racismo que a sociedade não percebe ou pelo menos finge que não, são as cotas para negros em faculdades/universidades, muitos não concordam com essa lei. Tanto <sup>para</sup> brancos como os próprios negros, essa cotação desmerece o estudo de ambos e o certo seria que as cotas fossem para pessoas com pouca condição financeira, independente da cor da pele.

Outro caso muito frequente e desconhecido de discriminação é a maneira de lojistas que trabalham em lojas mais caras de tratar pessoas com a pele mais escura quando entram na loja. É só pensarmos em como é preconceituoso de pensar que a cor da pele indica o poder aquisitivo de alguém tem que parar aí.

Além dessas situações citadas <sup>acima</sup> ~~(acima)~~, existem muitas outras. Essa realidade tem que ser mudada, cada cidadão tem que trazer a mudança de dentro de si mesmo e pensar que pessoas se sentem mal com esses acontecimentos.

Figura 29 - Texto 30

O Brasil ainda tem o grande problema do preconceito, não só nosso país, como vários (países) no mundo todo. O racismo é crime, mas a pena não é tão forte e a nossa justiça é fraca então muitas pessoas não tem medo de falar.

O preconceito racial, infelizmente está em todos os lugares, nas escolas, na rua, no trabalho, no futebol, etc. Houve um "episódio" em que um torcedor jogou uma banana quando o jogador Daniel Alves foi (pela) cobrar um escanteio, este comeu a fruta e continuou o jogo. Seu amigo Neymar postou uma foto dando graças ao jogador. Como a texto "Damos todos racistas. É a banana do Daniel Alves não muda isso" diz, foi uma campanha antirracista feita para abrir a discussão sobre o assunto, mas não vai mudar as coisas. O racismo já aconteceu sem nem perceber temas, os grandes cargos são ocupados por brancos, e seus antecessores também eram. Em "Adolescentes contra o racismo", a Gabrielle (autora) está certa, devemos começar mudando a educação que é a base de tudo. O preconceito não aconteceria negros, mas com albinos também. O caso citado no livro é muito interessante, pois ele superou o (torcedor) fez mestrado e doutorado em dramaturgia americana na USP.

Infelizmente, é um problema que será difícil de ser resolvido, porque muitas pessoas continuam sem educação.

Figura 30 - Texto 31

A discriminação racial é um problema comum no Brasil. O racismo ocorre quando uma pessoa de uma raça diferente da outra discrimina e ganha, por exemplo um branco discriminar um negro.

As pessoas devem se conscientizar e não praticar o racismo, pois é algo que atinge a pessoa "agredida" e o pessoa que discrimina não sabe o que realmente fez.

Além de negros e pardos, outras raças sofrem com o preconceito em nosso país.

Para prevenir o racismo ou qualquer outra discriminação, devem ser feitas manifestações contra o racismo e ter o auxílio da família para não ter problemas como depressão. O governo pode contribuir, realizando campanhas contra o preconceito, não depende só do governo e sim da colaboração de cada um.

Figura 31 - Texto 32